



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS GRDUAÇÃO EM ARTES**

DIEGO OLIVEIRA QUADROS

**TODOS JUNTOS O LOUVEMOS:
O Canto Congregacional na Assembleia de Deus, em Viseu-PA.**

**Belém - Pará
2019**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

DIEGO OLIVEIRA QUADROS

TODOS JUNTOS O LOUVEMOS:

Canto Congregacional na Assembleia de Deus, em Viseu/PA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará como requisito à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Chada

Linha de Pesquisa: Teorias e interfaces epistêmicas em artes.

Belém, Pará
2019

Dados Internacionais de Catalogação- na-Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA

Q1t

Quadros, Diego Oliveira

Todos juntos o louvemos: o canto congregacional na Assembleia de Deus, em Viseu-PA / Diego Oliveira Quadros. – 2019.

80 f. : il. color.

Orientadora: Professora Dr^a. Sonia Chada

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2019.

1. Música Litúrgica - Viseu (PA).
2. Prática musical - Viseu (PA).
3. Igreja Assembleia de Deus - Pará. I. Título.

CDD – 23 ed. 782.298115



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ

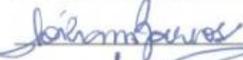
Aos vinte e quatro (24) dias do mês de Junho do ano de dois mil e dezenove (2019), as quinze (15) horas, a Banca Examinadora, instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública na Sala 1, para examinar a Dissertação de Mestrado de Diego Oliveira Quadros, intitulada: **TODOS JUNTOS O LOUVEMOS: O Canto Congregacional na Assembleia de Deus, em Viseu-PA.**, sob a presidência da orientadora Professora Doutora Sonia Maria Moraes Chada, conforme disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento Interno do Programa de Pós-graduação em Artes. A Banca Examinadora, composta pelos pesquisadores doutores indicados a seguir, foi constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 74 do Regimento acima mencionado: Sonia Chada (**Presidente**), Liliam Cristina Barros Cohen (**interno**), Laurimar de Matos Farias (**externo ao programa**). Dando início aos trabalhos, a Professora Doutora Sonia Chada, passou a palavra ao mestrando Diego Oliveira Quadros, que apresentou a dissertação, com duração de trinta minutos. Após a apresentação, o mestrando foi arguido pelos examinadores e, em seguida à manifestação dos presentes, foi lido o parecer, resultando o trabalho de pesquisa **Aprovado, com o conceito** Excelente
() **Aprovado com Restrições, com o conceito** _____
() **Reprovado.** A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado, após a entrega, pela mestranda, da versão definitiva e impressa do trabalho na Biblioteca do Programa. E nada mais havendo a tratar, a professora doutora Sonia Chada agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pelo mestrando. Belém-PA, 24 de Junho de 2019.

Prof.ª Dr.ª SONIA MARIA MORAES CHADA

Prof.ª Dr.ª LILIAM CRISTINA BARROS COHEN

Prof. Dr. LAURIMAR DE MATOS FARIAS

DIEGO OLIVEIRA QUADROS



A Fátima Quadros, minha mãe.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu amigo, confidente e fiel companheiro.

A minha mãe Maria de Fátima Oliveira Quadros, minha irmã, Diva Oliveira Quadros e minha sobrinha, Dhariela Oliveira Quadros, por tanto me ajudarem nessa pesquisa. Toda a minha gratidão!

A minha orientadora Sonia Chada, por mais uma vez estar do meu lado nesta pesquisa, por toda a ajuda e pelo carinho que sempre recebo. Muito obrigado!

A Carlos Alberto Aquino Franco, pela paciência que tem comigo, pelo carinho, por tanta dedicação e amor.

Ao irmão José Lima, Misael de Oliveira e Élina Gonçalves por disporem do seu tempo para as entrevistas.

A Helda Monteiro e Leonice Cardoso, “minhas chefinhas”. Obrigado por compreenderem as vezes que precisei me ausentar por conta dos estudos.

A Ricardo Julio Gaspar e Marciel Trindade pela amizade e ajuda de sempre

Aos meus colegas de mestrado que me proporcionaram momentos tão maravilhosos. Amei cada instante junto com vocês.

Obrigado!

RESUMO

O canto congregacional na Igreja Assembleia de Deus, em Viseu – Pará, é um momento de união entre os fiéis que proclamam a sua fé através da música como um grande coral em uma só voz. O presente trabalho consiste em uma etnografia musical da Assembleia de Deus em Viseu PA, objetivando descrever a prática do canto congregacional na referida Igreja, fornecendo informações contextualizadas sobre o segmento, suas doutrinas, crenças e características culturais; analisando os distintos repertórios musicais considerando suas funções no culto e nas diversas cerimônias e, ainda, verificando os efeitos que esta prática causa nos coristas que são os próprios fiéis. Para responder as perguntas propostas foi realizada a revisão da literatura sobre o assunto e a coleta de dados em campo através de observações e entrevistas semiestruturadas. Neste contexto, a prática musical é um agente facilitador, um veículo que aproxima os crentes de Deus, através da adoração, transcendendo o campo físico.

Palavras-chave: Canto Congregacional; Assembleia de Deus; Prática Musical em Viseu/PA.

ABSTRACT

Congregational singing in the Church of the Assemblies of God in Viseu - Pará is a moment of unity among the faithful who proclaim their faith through music as a great choir with one voice. The present work consists of a musical ethnography of the Assembly of God in Viseu PA, aiming to describe the practice of congregational singing in the said Church, providing contextualized information about the segment, its doctrines, beliefs and cultural characteristics; analyzing the different musical repertoires considering their functions in the cult and in the various ceremonies and, also, verifying the effects that this practice causes in the choristers that are the own faithful ones. In order to answer the questions asked, a review of the literature on the subject and the collection of data in the field were made through observations and semi-structured interviews. In this context, musical practice is a facilitating agent, a vehicle that brings believers closer to God, through worship, transcending the physical field.

Keywords: Congregational singing; Assembly of God; Musical Practice in Viseu / PA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Igreja Quadrangular Catedral da Família-Guamá	04
Figura 02 – Orquestra da Assembleia de Deus no Guamá	04
Figura 03 – Coral da Assembleia de Deus no Guamá	05
Figura 04 – Cerimônia batismal na Assembleia de Deus da Marambaia	06
Figura 05 – Orquestra de Viseu PA	06
Figura 06 – Templo Central da Assembleia de Deus em Belém	07
Figura 07 – Cerimônia da Santa Ceia em Icoaraci	07
Figura 08 – Da esquerda para a direita: Daniel Berg e Gunnar Vingren	19
Figura 09 – Parte do grupo fundador da Assembleia de Deus, em 1911	21
Figura 10 – Primeiro Templo da Assembleia de Deus	22
Figura 11 – Templo Central da Assembleia de Deus de Viseu PA	27
Figura 12 – Localização geográfica de Viseu e Bragança no mapa do Pará	28
Figura 13 _ Grupo de Jovens da Assembleia de Deus de Viseu	32
Figura 14 _ Círculo de oração em Viseu-PA	33
Figura 15 _ Orquestra Acordes Celestes – Templo Central de Viseu-PA	34
Figura 16 _ Partituras dos hinos 3 e 4 da Harpa Cristã em Bb	35
Figura 17 _ Hino de número 124 da Harpa Cristã - Partitura com letra	40
Figura 18 _ Hino de número 124 da Harpa Cristã - Partitura	41
Figura 19 _ Martinho Lutero com sua família cantando e tocando alaúde	44
Figura 20 _ Sarah Kelley	50
Figura 21 _ Terceira edição do hinário Salmos e Hinos	52
Figura 22 _ Caderno de hinos de Gunnar Vingren	53
Figura 23 _ Hinário “Cantor Pentecostal” da Assembleia de Deus	54
Figura 24 _ Segunda edição do hinário Harpa Cristã	55
Figura 25 _ Hino de número 01 da Harpa Cristã	56
Figura 26 _ Frida Vingren	57
Figura 27 _ Hino da Harpa Cristã, nº 187, Mais perto, meu Deus, de Ti	60
Figura 28 _ Hino da Harpa Cristã, nº 04. Deus velará por ti	61
Figura 29 _ Hino da Harpa Cristã, nº 02, Saudosa lembrança	61
Figura 30 _ Batismo nas águas realizado pela Assembleia de Deus em Viseu	63
Figura 31 _ Hino da Harpa Cristã, nº 470, Batismo	64
Figura 32 _ Hino da Harpa Cristã, nº 129, Fonte salvadora	64
Figura 33 _ Hino da Harpa Cristã, nº 39. Alvo mais que a neve	65
Figura 34 _ Cerimônia da Santa Ceia na Assembleia de Deus de Viseu	66
Figura 35 _ Consagração do pão e do vinho na Assembleia de Deus de Viseu	67
Figura 36 _ Hino da Harpa Cristã, nº 328, Pão da vida	67
Figura 37 _ Hino da Harpa Cristã, nº 301, Vem cear	68
Figura 38 _ Fátima Quadros com Harpa Cristã - Momento de adoração em Viseu	70
Figura 39 _ Momento de adoração na Assembleia de Deus em Viseu-PA	72
Figura 40 _ Fiel adorando na Assembleia de Deus em Viseu-PA	73

SUMÁRIO

NÓS ABRIMOS ESTE CULTO	01
1. EIS QUE SURGE UM POVO FORTE	10
1.1. Eis que surge um povo amoroso	11
1.2. Eis que surge um povo de fé	14
1.3. Eis que surge um povo cheio do Espírito Santo	16
1.4. Eis que surge o povo Assembleiano	18
1.5. Eis que surge a cultura assembleiana	23
2. VEM À ASSEMBLEIA E LOUVEMOS	27
2.1. Vem à história da Assembleia de Deus em Viseu	29
2.2. Vem à liturgia da Assembleia de Deus em Viseu	30
2.3. Vem aos momentos musicais no culto	32
2.3.1 O Grupo de Jovens	32
2.3.2 O Coral	32
2.3.3 A Orquestra	33
2.3.4 Os Cantores Solistas	35
2.3.5 A Banda Base	36
2.3.6 Os Corinhos	36
2.3.7 Os hinos da Harpa Cristã	36
3. TODOS JUNTOS	38
3.1 Todos juntos no canto congregacional	42
3.2 Todos juntos nas congregações do Brasil	48
3.3 Todos juntos com a Harpa Cristã	52
3.4 Todos juntos nas cerimônias com seus respectivos hinos	58
3.4.1 A Cerimônia Fúnebre	59
3.4.2 A Cerimônia Batismal	62
3.4.3 A Cerimônia da Santa Ceia	65
3.4.4 Outros Ritos	68
3.5 Todos juntos adoremos	69
TÉ A LUZ DA MANHÃ RAIAR	74
REFERÊNCIAS	77

NÓS ABRIMOS ESTE CULTO

Nós abrimos este culto
Em Teu nome, ó Jesus Cristo!
Ao pequeno e ao adulto,
Luz divina vem dar por isto.

(Harpa Cristã-CPAD)

Carta a Deus:

Belém 14/11/2018

Olá, Deus.

Já faz tempo que não conversamos, não é mesmo? Mas não me sinto nenhum pouco intimidado de te escrever só agora depois de muito. Sei que você não se importa com esses "por menores", estás bem acima desse sentimento mesquinho de cobrança. Pelo menos é assim que o vejo. Não como alguém possessivo, ciumento, exigente, mas como um velho amigo, íntimo. Alguém que me ama incondicionalmente, independente do "se", do "quando" e do "por que". Mas é essa minha forma de te ver, não é, Deus? De te compreender. Essa é a minha forma na qual te coloquei para que não fuja da minha compreensão, para que me sejas mais acessível, assimilável. O que é muito comum de um homem, formatar a realidade disforme conforme a sua necessidade de compreender algo. E digo isso baseado no pensamento de Nietzsche sobre a verdade, sobre o conhecimento humano, do texto "Verdade e mentira no sentido extramoral", primeiro texto trabalhado no meu curso de mestrado.

Te contei que passei no mestrado? Pois é, foi difícil, mas passei. Sei que você já sabia, mas prefiro desconsiderar sua onisciência, se não, que graça teria?

Pretendo fazer uma etnografia musical da Assembleia de Deus em Viseu Pará como minha dissertação. Sabe o que digo, não é? Etnografia musical, a descrição de um povo através de sua música, segundo Antony Seeger (2011). Desconsiderando sua onisciência outra vez (risos). Mas deixa eu te falar, ainda segundo Seeger, uma etnografia musical está ligada mais à transcrição

análitica do contexto do que a transcrição dos sons. Justamente por que a música não consiste apenas em sons, os sons só se transformam em música quando organizados por homens influenciados pelo contexto em que estão inseridos. John Blacking (1995) define a música como "sons humanamente organizados" e Alan Merriam (1964) propõe para a análise de música, não somente a análise dos sons, mas, também, dos conceitos sobre música e do comportamento humano, físicos e verbais.

Eu preciso lembrar você do longo período que eu passei nessa igreja? Não, né? (risos). Pois é, isso vai me ajudar a melhor compreender a prática musical e o contexto em que ela está inserida. Luiz Ricardo Pereira (2005) diz que quem vivencia, quem sente a sensação causada pela música e compreende a fé, a crença e os demais fatores que motivam a prática musical, pode perceber nuances que jamais seriam captadas por um mero observador. Baseado nisso me liberto de toda e qualquer "distância que um pesquisador tenha que ter do seu objeto".

Meu foco, Deus, é o canto congregacional, um momento de unidade da igreja, dos fiéis, onde todos os participantes do culto cantam em uma só voz como um grande coral uníssono. É essa a principal característica do canto congregacional, não é, Deus, proporcionar a música a todos os fiéis, diferenciando-se de outros momentos musicais do culto ministrados por cantores, grupos musicais ou corais específicos.

Meu objetivo principal é o de descrever a prática musical do canto congregacional na Igreja Assembleia de Deus, em Viseu/PA. Os específicos são: fornecer informações contextualizadas sobre a referida igreja, suas doutrinas, crenças, características culturais; analisar os distintos repertórios musicais, considerando suas funções no culto e nas diversas cerimônias. E relendo "A etnografia da música", de Anthony Seeger, me deparei com outra questão que havia deixado de lado, mas que para o autor é de suma importância: quais os efeitos que o canto congregacional tem sobre os fiéis? Verificar esta questão também faz parte dos meus objetivos.

De todo modo, para esta pesquisa, tive que realizar a revisão da literatura sobre o assunto, sobre a Música na Assembleia de Deus, Música e Religião e temas transversais, a exemplo de Análise Musical e Música e Sociedade. A literatura etnomusicológica, histórica e

teológica sobre questões relevantes a esta pesquisa servirão de fundamentação teórica. Vou fazer a coleta de dados em campo na Assembleia de Deus da cidade de Viseu, onde irei realizar entrevistas semiestruturadas com os fieis e líderes religiosos. Além de realizar registros audiovisuais com a devida autorização dos entrevistados e dos líderes das igrejas. Também vou fazer a análise e a sistematização dos dados coletados para servirem de base para o documento final.

Entendeu, não é, Deus? Vou tentar classificar o modo de fazer música assembleiano para assim tentar encaixá-lo no "columbário de saberes" da Ciência. (risos). Mas tudo bem, me dá certo prazer pesquisar sobre música em seu contexto. Apaixonei-me por essa "vertente", Etnomusicologia, desde a graduação, lembra? Não conseguia entender esse termo. Até a professora Lílian Barros me presentear com um livro, "Cadernos do grupo de pesquisa GPMIA" onde me deparei com o texto "Caminhos e fronteiras da Etnomusicologia" de Sonia Chada (2011). A riqueza didática do texto me ajudou a compreender a Etnomusicologia como uma ciência que estuda a música não de uma maneira sistemática, considerando apenas suas escalas, tonalidades, ritmos, mas, também, e talvez, principalmente, o contexto cultural, religioso, político e social da música.

Mergulhei! Comecei a vagar pelo Guamá tentando identificar a paisagem sonora do bairro, lembra Deus? Minha intuição falhou, a paisagem sonora se revelou totalmente diferente do que eu previ. Não era composta predominantemente por ritmos como tecnobrega, tecnomelody, mas, sim, principalmente por música gospel.

O resto da história, você sabe, Deus, tive que fazer um artigo sobre música nas igrejas evangélicas do Guamá para obter conceito na disciplina Introdução à Etnomusicologia, na graduação. Posteriormente acabei publicando esse artigo, meu primeiro trabalho em Etnomusicologia. Ainda guardo as fotos da pesquisa:

Figura 01: Igreja Quadrangular Catedral da Família-Guamá



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 02: Orquestra da Assembleia de Deus no Guamá



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Lembro-me que foi numa das visitas a um desses templos evangélicos no Guamá, durante a coleta de dados, que pensei pela primeira vez em fazer meu TCC sobre música evangélica.

Conhecia boa parte do repertório musical por ser de família assembleiana e ter sido praticante desta religião durante a infância e adolescência.

Encorajado pela professora Lílian Barros, submeti o projeto de TCC sobre música na Assembleia de Deus. Foquei no repertório do hinário oficial da igreja, o hinário Harpa Cristã.

Tomado pela "intuição" de que as práticas das assembleias de Deus no Pará, relacionadas à Harpa Cristã, se davam praticamente da mesma forma, e essa intuição, evidentemente veio da minha experiência nessas igrejas, decidi intitular minha pesquisa como "O hinário Harpa Cristã na liturgia dos cultos da Igreja evangélica Assembleia de Deus no Pará". Onde eu estava com a cabeça, Deus? Tive que fazer minha pesquisa em diversos templos da cidade de Belém, como no Guamá, Marambaia, Nazaré, Icoaraci, e ainda em templos do interior do Estado também, como em Bragança, Vigia, Benevides, Viseu, Moju. Lembra Deus? Gastei um dinheirão. Enfim, deu muito trabalho, mas gostei de fazer a pesquisa, me fez revisitar cenários, atmosferas da minha infância.

Ainda guardo as fotos, estou lhe enviando algumas delas para lembrar momentos da pesquisa:

Figura 03: Coral da Assembleia de Deus no Guamá



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 04: Cerimônia batismal na Assembleia de Deus da Marambaia



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 05: Orquestra de Viseu PA



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 06: Templo Central da Assembleia de Deus em Belém



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 07: Cerimônia da Santa Ceia em Icoaraci



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Mas agora virão novas fotos, desta nova pesquisa de mestrado. E por falar nisso já vou te avisando que farei desta carta a minha introdução. Não vou chamá-la de fato de "introdução", e sim de "Nós abrimos este culto", fazendo referência ao hino 243 do hinário Harpa Cristã, hinário oficial de cânticos congregacionais da Assembleia de Deus. Como você sabe Deus, esse hino foi especialmente composto para abrir a cerimônia do culto assembleiano, por isso vou usar um pequeno trecho dele para dar início a minha dissertação, seguido desta carta.

No capítulo 1, "Eis que surge um povo forte", Usarei um trecho do hino 340 do hinário Harpa Cristã para trabalhar todo o contexto histórico da igreja Assembleia de Deus e também suas doutrinas, crenças e costumes que influenciam no fazer musical deste seguimento. Referenciando alguns historiadores, como Emílio Conde e Antônio Mendonça.

Já no capítulo 2, "Vem à Assembleia e louvemos", vou usar um trecho do hino 144, também do hinário Harpa Cristã, como ilustração, para descrever a Assembleia de Deus em Viseu, suas particularidades e suas práticas musicais.

No capítulo 3, "Todos juntos", vou descrever a prática do canto congregacional na Assembleia de Deus. Tratar das suas funções, emprego nas diversas liturgias do seguimento, referenciado por Alan Merriam, quem são os performistas, como se dá o fazer musical, entre outros. É também nesse capítulo Deus que busco entender os efeitos que o canto congregacional causa nos fieis nesse momento em que todos os membros se unem como um grande coral em uma só voz para proclamar louvores, para adorar, que, segundo os assembleianos, é muito mais que simplesmente cantar, é algo que transcende o natural, é a música como ponte, como veículo para se chegar até você, me baseando em relatos dos próprios fieis que vivenciam esta prática. Ilustrarei este capítulo com um trecho do hino 124, cuja letra versa sobre o canto coletivo. Deste hino tirei não somente o título do terceiro capítulo como também o título desta pesquisa: Todos juntos o louvemos!

Não há fim, para os assembleianos a vida é eterna, estão nesse mundo apenas de passagem, aguardando a volta de Jesus que os levará para uma linda cidade de ouro e cristal, onde estarão adorando a Cristo eternamente. Essa é a esperança, "o fim", o fim desta vida, para

começar uma vida com Cristo, como retrata o trecho do hino da Harpa Cristã de número 300 de onde tirei o título para as considerações finais, "Té a luz da manhã raiar", na esperança de que ela não acabe aqui nesta dissertação, mas que seja apenas uma passagem para uma "nova vida", que se renove! Como tantas vezes já se renovou, passando de um artigo para o outro, se transformando na minha pesquisa de TCC, projeto de pesquisa para o mestrado, na minha dissertação. E se você der uma força, Deus, quem sabe não vira tese de doutorado (risos). Deixemos isso para depois, mas já fica aqui a minha súplica.

Por hora conto com sua ajuda para esta pesquisa de mestrado, mas também com a ajuda de Anthony Seeger, John Blacking, Alan Merriam, Sonia Chada, Luis Ricardo Queiroz, Emílio Conde e Antônio Mendonça.

Despeço-me agora, Deus. Escrevo-te assim que tiver mais novidades. Até a próxima.

Diego Quadros.

Esta carta, revista e atualizada, foi escrita e apresentada em uma primeira versão, em 2017, como caderno de incidente de pesquisa na disciplina *Pesquisa e procedimentos metodológicos em Artes*, cursada no Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Pará, ministrada pelas professoras Maria dos Remédios e Claudia Leão.

1. EIS QUE SURGE UM POVO FORTE

Eis que surge um povo forte,
 Revestido de poder;
 E não teme nem a morte,
 Quem a ele pertencer;
 E terá sublime sorte,
 Pois com Cristo ao céu vai,
 Podes tu dizer também.
 “Sou um dos tais”?

(Harpa Cristã-CPAD)

Em 2011, assembleianos de diversas partes do Brasil e do mundo lotaram o Estádio do Mangueirão, em Belém do Pará, para o culto em comemoração ao centenário da Assembleia de Deus no Brasil:

Além do grande ajuntamento realizado em um estádio de futebol, durante as comemorações foram promovidas a marcha do centenário pela cidade de Belém, a representação da chegada dos missionários pioneiros no Porto de Belém e o trajeto empreendido pelos mesmos após o desembarque, contando com a presença de descendentes destes personagens, além da realização de um grande batismo público. (DE PAULA, 2013, p. 08).

Em homenagem ao aniversário da Igreja, a cidade ganhou um centro de convenções para eventos evangélicos, um museu da Assembleia de Deus e uma avenida com o nome de Centenário. Belém sediou esta comemoração por ter sido berço deste seguimento em nosso país. O hino composto em comemoração ao centenário do seguimento, que ecoou no Estádio do Mangueirão, em Belém, faz menção ao surgimento do seguimento no Pará:

Assembléia de Deus chegou ao centenário todo o povo de Deus avante vai!

Tudo começou com um chamado, de dois missionários preparados, que buscavam a Deus unidos em oração. E nessa busca o Senhor falou: o Evangelho vocês vão levar e a terra que eu quero é Belém do Pará. E partiram rumo a fé e para trás ficaram os seus, é assim que começa a história da Assembléia de Deus...

Assembléia de Deus chegou ao centenário, todo povo de Deus avante vai!

E hoje estamos reunidos numa só fé, numa só voz, Daniel Berg e Gunnar Vingren trouxeram até nós, a palavra de Deus que se multiplicou e ao mundo inteiro alcançou, somos milhares de milhares adorando ao Senhor. Muitos desafios lançados e todos eles conquistados com a união do povo que sempre vive a orar. São 100 anos de vitória, essa é a nossa história como um exército forte vamos todos proclamar....

Assembléia de Deus chegou ao centenário todo o povo de Deus avante vai! Assembleias de Deus chegou ao centenário avante vai!

A Assembleia de Deus surgiu no início do século XX, fundada por dois missionários suecos e por um grupo de fieis, em Belém do Pará. Hoje, com mais de um século de

existência, a Assembleia de Deus aparece em primeiro lugar no ranking das 10 maiores igrejas evangélicas do país. Fajardo (2012, p. 01), fazendo referência ao Censo 2010, do IBGE, sobre religião, comenta:

Na manhã deste dia 29 de junho, o IBGE divulgou os resultados do Censo 2010 sobre religião. (...), os evangélicos chegaram à cifra de 42,3 milhões (22,2% da população). O ano da realização do Censo coincidiu com o centenário da chegada do Pentecostalismo ao Brasil. De acordo com os dados do IBGE, 6 de cada 10 evangélicos brasileiros declara-se pentecostal. O ranking das cinco maiores Igrejas Pentecostais do país permaneceu inalterado, porém, apresentou interessantes diferenças em relação ao Censo 2000. A Igreja Assembleia de Deus apresentou um crescimento de 46%, saltando dos 8,4 milhões de membros para 12,3 milhões, continuando a ser a maior Igreja Evangélica e o segundo maior grupo religioso do país, perdendo em números apenas para a Igreja Católica.

A Assembleia de Deus faz parte do grupo das Igrejas do Protestantismo, uma das três maiores divisões do Cristianismo: “O Protestantismo é um dos três principais ramos do Cristianismo ao lado do Catolicismo Romano e das Igrejas Orientais ou Ortodoxas” (MENDONÇA, 2005, p. 50). Além disso, é também considerada uma Igreja Pentecostal, por ter surgido com base neste movimento americano que tem como principal característica a crença na manifestação do Espírito Santo, através do falar da “Língua dos anjos” ou “Línguas estranhas”, conforme denominam os fiéis. Hoje a Assembleia de Deus é o maior segmento Pentecostal do Brasil:

Segundo os dados do Censo de 2010 as Assembleias de Deus do Brasil foi o único grupo religioso, dos categorizados pentecostais, a ultrapassar o percentual de crescimento geral das evangélicas pentecostais. Enquanto, em números gerais, os pentecostais cresceram 44,01%, a Assembleia de Deus do Brasil cresceu 46,28%, aumentando praticamente 4 milhões de adeptos em relação ao último Censo disponibilizado em 2000. As Assembleias de Deus tiveram um salto de 8.418.140 de adeptos em 2000, 11 para 12.314.410 de adeptos em 2010 (DE PAULA, 2013, p. 10).

Nessa linha de pensamento, pode-se dizer que a Assembleia de Deus é uma Igreja Cristã, Protestante e Pentecostal.

1.1. Eis que surge um povo amoroso

O Cristianismo é uma religião que se fundamenta na Bíblia Sagrada, um aglomerado de livros antigos selecionados por um concílio iniciado no ano de 325 D.C., formado pelos principais bispos da época, com a finalidade de definir a versão oficial das Sagradas Escrituras. Contudo, dentre esses livros, quatro formam a base fundamental para o

cristianismo: Os evangelhos de Marcos, Lucas, Matheus e João. Para Michelle Veronese (2008), mestre em Ciências da Religião:

Os cristãos deixaram de ser perseguidos em 313 e apenas 12 anos depois seus bispos foram convocados para o Concílio de Nicéia, primeiro passo dado para a criação do Novo Testamento. Na reunião, os evangelhos de Marcos, Lucas, Mateus e João foram escolhidos para narrar a biografia de Jesus por uma razão simples: expressavam a visão dominante na Igreja (Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/a-historia-secreta-do-cristianismo> >).

Estes quatro livros descrevem a história de Jesus, o Cristo, o Filho de Deus que veio ao mundo pra morrer pelos pecadores para que estes pudessem ser salvos, perdoados e somente assim ganhar a vida eterna: “Por que Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna” (BÍBLIA, Jo 3:16).

O amor de Deus foi grande ao extremo a ponto de entregar o seu único filho para morrer e assim derramar o seu sangue para remir o povo de seus pecados, fazendo uma alusão a um antigo ritual judeu no qual um cordeiro é morto e seu sangue derramado para remir os pecados de alguém. Para o Cristianismo, Jesus foi o último cordeiro e derramou seu sangue por toda a humanidade:

Em resumo, desde o começo, o Cristianismo existiu como a mensagem do Deus que “tanto amou ao mundo” que se tornou parte dele. O Cristianismo não é uma doutrina etérea, eterna, sobre a natureza de Deus, mas antes é a presença de Deus no mundo, na pessoa de Jesus Cristo. O Cristianismo é encarnação e, portanto, existe no concreto e no histórico (GONZÁLES, 2004, p. 26).

O amor, encarnado na pessoa de Jesus, seria então a base para o Cristianismo, e atribui-se a esse amor a razão pela qual esta religião tomou proporções tão grandes a ponto de se tornar a religião com mais fieis no mundo.

Jesus Cristo seria o exemplo a ser seguido pelos fieis, segundo suas próprias palavras descritas no evangelho de Lucas: “Se alguém quiser vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (BÍBLIA, Lc 9:23). Sendo, então, o Cristo descrito nos evangelhos um ser extremamente amoroso, benevolente e que se compadecia dos pobres e dos enfermos. Naturalmente essas características seriam cultivadas pelos cristãos primitivos: “Parte do apelo do Cristianismo estava na maneira prática de ajudar os pobres e os famintos, os doentes e os órfãos. Isso dava segurança aos fiéis, em uma época de dificuldades inimagináveis” (BLAINEY, 2012, p. 41).

Os cristãos logo ganharam a simpatia dos menos favorecidos. Os que não recebiam nenhum tipo de caridade das religiões ditas pagãs acabavam se tornando adeptos dessa nova religião, que além de pregar o amor ainda garantia vida eterna ao lado de Cristo.

Não demorou muito para os cristãos se tornarem parte considerável da população do Império Romano e, Constantino¹, ao se tornar imperador de todo o território romano, por motivos religiosos ou por mera estratégia política, reconheceu o Cristianismo como religião e ainda o apontava como a melhor opção para o Império Romano, composto por inúmeras etnias:

Foi oficialmente reconhecido que o Cristianismo, por ser aberto a todas as etnias, poderia funcionar como um fator de unificação em um império multirracial. O Cristianismo, então uma religião de muitos adeptos, estava prestes a tornar-se a religião preferida da maioria (Idem).

Em 391 o Cristianismo finalmente se tornou a religião oficial do Império Romano. Era o surgimento de uma Igreja Cristã oficial e unificada. Porém a unificação do Cristianismo só aconteceu séculos mais tarde.

O Cristianismo já oficializado passou a ter sede em Roma, causando uma insatisfação aos cristãos de Constantinopla, cidade que sediava a religião antes da divisão do Império em Oriental e Ocidental. A Igreja Cristã do Oriente e a Igreja Cristã do Ocidente, pouco a pouco foram se afastando no que concerne a doutrinas, dogmas e rituais:

As duas Igrejas e seus impérios clericais tomaram caminhos diferentes. O papa, que vivia em Roma, não se encontrava com o patriarca, que vivia em Constantinopla. Eles raramente faziam com que delegações atravessassem os mares para discutir pessoalmente divergências ou questões de interesse comum (Ibidem, p. 64).

As divergências entre as igrejas culminaram na cisão do Cristianismo, em 1054, dando origem a Igreja Católica Apostólica Romana e as Igrejas Ortodoxas do Oriente. Esta foi a primeira grande cisão do Cristianismo.

Mais tarde, no século XVI, outra divisão aconteceria. Lutero² daria início ao movimento das Reformas que deu origem a Igreja Protestante, o terceiro grande segmento do Cristianismo.

¹ Foi um dos mais importantes imperadores romanos. Ficou conhecido por ter acabado com a perseguição aos cristãos no Século III, e por ter convocado os bispos do Cristianismo para o Concílio de Nicéia, no intuito de definir os novos rumos do Cristianismo.

² Monge agostiniano que se rebelou contra a Igreja Católica no Século VI por discordar da mesma, principalmente no que concerne a “venda de perdão”. Deu início ao Protestantismo com a publicação de suas 95 teses, tornando-se o personagem central da Reforma Protestante.

1.2. Eis que surge um povo de fé

“Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá pela fé” (BÍBLIA, Rm 1:17). Este trecho da Bíblia foi de grande relevância para o jovem monge Martinho Lutero, que procurava no Novo Testamento respostas às suas inquietações religiosas: “Quando Martinho Lutero leu essa passagem das Escrituras, foi convencido de que nossa justificação não se dá através das boas obras, mas sim através da fé” (ATAÍDES, 2004).

Lutero, formado em teologia pela Universidade de Erfurt, começou a questionar o modo como a Igreja Católica se portava no que concerne, principalmente, a “venda de indulgências”. Os questionamentos religiosos de Martinho teriam começado após uma viagem a Roma: “A visita deixou Lutero perturbado. As congregações que ele conhecia, no norte da Alemanha, demonstravam uma devoção raramente encontrada em Roma e em outras cidades italianas” (BLAINEY, 2012, p. 110).

A partir disso, o monge começou a buscar na Bíblia respostas para suas dúvidas referentes à concessão de perdão através de indulgências. Grosso modo, as indulgências eram penalidades pagas para a remissão de pecados, seja em vida ou após a morte, o preço pelo perdão era indicado pelos clérigos e variavam de boas ações a quantias em dinheiro que favoreciam a própria Igreja: “O tratamento dispensado pela Igreja aos pecadores seguia uma fórmula: o pecador em busca do perdão confessava o pecado a um padre, que prometia absolvição, desde que cumprida a pena apropriada” (Idem, p. 113).

Lutero, ao ler o Novo Testamento, chegou à conclusão de que o perdão e a salvação são dados por Deus, pela sua misericórdia e não por qualquer obra ou preço pago pelo indivíduo, desse modo condenando a prática de venda de indulgências da Igreja Católica, que cada vez mais se tornava comum:

A ideia tradicional de perdão sustentada pela Igreja foi se modificando. Decorridas algumas décadas, estava instituída a prática da venda do perdão. Bastava pagar, e o cristão ficava livre dos pecados do passado e do futuro. Era possível também comprar indulgências em favor dos mortos. Assim, um amigo ou parente falecido passaria menos tempo ou sofreria menos no purgatório - aquela região onde o cristão ficava de castigo, até pagar pelos pecados cometidos e ser declarado apto a entrar no céu (Idem).

O movimento Protestante inicia quando Martinho Lutero afixa suas 95 teses³ na porta da igreja de Wittenberg, aproveitando o grande movimento da cidade, em virtude das celebrações do Dia de Todos os Santos e o Dia de Finados, isso deu grande repercussão ao acontecimento:

Era costume pregar nos lugares públicos os avisos e comunicados. Lutero aproveitou a oportunidade e, através de suas teses, combatia as indulgências que eram vendidas por João Tetzel⁴, com a falsa promessa de muitos benefícios. Ele dizia que, se alguém comprasse uma indulgência para um parente falecido, no momento em que a moeda tocasse no fundo do cofre a alma saltava do inferno e ia direto para o céu (ATAÍDES, 2004).

As ideias de Lutero logo se espalharam pela Europa e o Protestantismo ganhou força. Um fato que favoreceu essa repercussão foi o de que a cidade de Wittenberg dispunha de uma nova tecnologia: as gráficas de impressão, que espalharam o credo luterano por toda a parte. Além disso, Martinho escrevia em alemão, em uma linguagem simples, de fácil assimilação do povo. Em outras palavras, as pessoas passaram a ter acesso ao Novo Testamento não mais em latim, mas em sua própria língua:

Wittenberg foi a ponta de lança de uma tecnologia que começava a reformular o mundo. Em 1524, o ano em que Lutero terminou a tradução do Novo Testamento, mais da metade dos livros publicados na Alemanha era impressa lá. Outra força propagadora da mensagem protestante foi o fato de Lutero falar e escrever em alemão, com linguagem simples. Assim, as congregações sabiam os hinos de cor e cantavam com gosto. A combinação de nacionalismo e religião foi uma das marcas da Reforma (BLAINEY, 2012, p. 113).

O protestantismo aproximou os fiéis daquilo que lhes era “negado”. Como a leitura da Bíblia, antes escrita e lida em latim durante as cerimônias católicas, que passou a ser escrita e lida no idioma local. Não apenas isto, mas os hinos compostos por Lutero eram impressos em alemão, facilitando o aprendizado dos membros da Igreja que agora podiam cantar os hinos executados durante as cerimônias das Igrejas Protestantes: “Lutero, em 1521, traduz a Bíblia para o alemão, escreve hinos e, com o Protestantismo, forma o Coral, dando ao povo livre acesso à música dentro da Igreja” (FREDERICO, 1999, p. 76). De fato, Martinho Lutero deu início a uma nova cultura musical religiosa: o Canto Congregacional, uma tradição que atravessaria séculos e alcançaria o mundo todo: “Lutero foi importante não somente por

³ As 95 teses de Lutero afixadas na porta da Igreja de Wittenberg, em 1517, eram questões levantadas, principalmente, sobre as indulgências, penitências e a salvação pela fé, ao mesmo tempo em que questionava a autoridade papal, que naquela época estava acima da própria Bíblia.

⁴ Frade dominicano que ficou conhecido por se tornar um dos maiores comissários de venda de indulgências sobre as ordens do papa Leão X. Tetzel percorria as cidades alemãs angariando dinheiro, principalmente, para a construção da Basílica de São Pedro, através da venda do perdão.

ser o ponto central de um novo movimento teológico; foi também o centro de um novo movimento musical” (SCHALK, 1988, p. 07).

De uma forma generalista, os hinos congregacionais são canções executadas por toda a igreja como um grande coral uníssono. Esse estilo de hino se tornou uma identidade da música cristã protestante, implantado pelo próprio Martinho Lutero, com o intuito de liberar o acesso à música a todos os participantes do culto. O grande diferencial do canto congregacional é que ele proporciona a participação de toda a congregação, como o próprio nome sugere. A música, então, deixa de ser executada por um grupo seletivo da igreja, os coristas e/ou instrumentistas, e passa a ser cantada por todos os fieis. Esta tradição se mantém até hoje na maioria das Igrejas de origem Protestante, como é o caso da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

O Protestantismo proposto por Lutero se espalhou por toda Europa, ao mesmo tempo em que novos seguimentos protestantes foram surgindo, a exemplo dos Protestantes Puritanos, responsáveis, mais tarde, por colonizar a América do Norte e implantar seu credo como religião predominante:

Com a revolução Protestante Puritana na Europa, e sua conseqüente perseguição, houve grande fuga para a América do Norte. Os puritanos, ao chegarem ao novo continente, quiseram colonizá-lo literalmente de acordo com sua doutrina e confissão de fé. Apesar de passar por várias crises em sua formação, o Protestantismo consegue se firmar como principal expressão religiosa da América (MILHORANZA, 2011).

1.3. Eis que surge um povo cheio do Espírito Santo

Com tantas rupturas sofridas ao longo do tempo, naturalmente alguns aspectos do Cristianismo Primitivo foram se modificando, e o amor ao próximo, tão mencionado nos Evangelhos, parecia não estar em destaque na América Protestante Puritana da passagem do Século XIX para o XX.

Niebuhr (1992) diz que nos Estados Unidos da América dessa época, a segregação racial e de classes sociais era tão forte que favoreceu o surgimento de seitas protestantes formadas pelos então marginalizados da sociedade estadunidense: negros, pobres, estrangeiros. Assim surgiram as chamadas “Igrejas dos Deserdados”. Estamos falando de um tempo em que os negros gradativamente deixavam de serem escravos. Concomitantemente a isso, milhares de imigrantes desembarcavam na América fugindo da miséria na Europa:

Nessa grande efervescência do campo religioso também refletiam as agitações dos últimos 35 anos do século XIX, que ficaram marcados pelo trauma da Guerra Civil; libertação dos escravos negros; tensões raciais; crise prolongada do mundo da agricultura no sul do país; mobilidade populacional em direção às cidades do norte em processo de industrialização; chegada de milhões de imigrantes brancos, que vinham refazer na América laços rompidos pela pobreza e miséria na Europa (CAMPOS, 2005, p. 105).

Assim se dava o surgimento de um seguimento de “protestantes excluídos” que buscava solucionar problemas oriundos do então cenário americano, com a fé, com a espiritualidade, o Pentecostalismo:

No entanto, a fé despertada era avessa ao intelectualismo, à teologia e às instituições teológicas formadoras de um clero esclarecido. Com isso a religião cristã tornava-se prática, colada aos problemas da vida cotidiana, aos quais procurava apresentar soluções espirituais. O pentecostalismo herdaria esses e outros traços culturais norte-americanos (Idem, p. 103).

Mas, sem dúvida, a principal característica do movimento Pentecostal era a crença no manifestar do Espírito Santo através do falar de línguas estranhas, baseada no que está escrito na Bíblia, no livro de Atos, sobre a descida do Espírito Santo no Dia de Pentecostes:

E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem (ATOS 2:1-4).

Pretendia-se “resgatar”⁵ esses fenômenos descritos no livro de Atos para os cultos das igrejas deste novo seguimento.

William Joseph Seymour⁶ foi um personagem central desse movimento. Quando em abril de 1906 começou a dirigir cultos em uma igreja de negros em Los Angeles, na Rua Azusa, com rituais até então desconhecidos das Igrejas Protestantes americanas, os fiéis por ele liderados começavam a falar em línguas diferentes, a dizerem profecias, a ministrar curas e outros milagres. Esse fenômeno ficou conhecido como “Avivamento da Rua Azusa” e foi o marco inicial do movimento Pentecostal que logo se espalhou pelos Estados Unidos:

Um negro, filho de ex-escravos da Louisiana, então com 36 anos de idade, começou, em abril de 1906, num templo abandonado de uma Igreja Metodista Africana, no

⁵ Os Protestantes Tradicionais, que não aderiram ao Pentecostalismo, negam, até hoje, a veracidade destas manifestações do Espírito Santo nas Igrejas Pentecostais. As Igrejas Batista, Luterana, Presbiteriana, Metodista e Adventista são exemplos de Igrejas Protestantes Tradicionais.

⁶ Pastor americano que deu início ao movimento Pentecostal, depois de frequentar a escola de teologia de Charles Fox Parham, onde assistia aula no corredor, por ser negro. Seymour foi fortemente influenciado pelas ideias de Parham que pregava a manifestação do Espírito Santo nos fiéis tal como descrito no livro de Atos dos Apóstolos. A partir disto, Willian começou a disseminar em suas pregações, a crença no falar de “Línguas estranhas” como confirmação do batismo do Espírito Santo.

bairro negro de Los Angeles, uma caixa-preta, da qual começaram a sair gritos, convulsões, profecias, glossolalias, curas, milagres, prodígios e toda sorte de coisas, que rapidamente chamou a atenção da imprensa (CAMPOS, 2005, p. 110).

A notícia do avivamento se espalhou rapidamente. Protestantes de diferentes partes da América do Norte vinham até Los Angeles atraídos pelas curas e os milagres dos quais ouviam falar:

Em verdade Azusa Street transformou-se em poderosa fogueira divina, onde centenas e milhares de todos os pontos da América, atraídos pelos acontecimentos, iam ver o que se passava, eram batizados com o Espírito Santo, e levavam para suas cidades essa chama viva, o batismo com o Espírito Santo (CONDE, 1960, p. 11).

Em um curto período de tempo várias cidades dos EUA estavam “contaminadas” pelo movimento pentecostal, com destaque para a cidade de Chicago:

Uma das cidades que mais se destacaram e se projetaram no Movimento Pentecostal, foi a cidade de Chicago. As Boas Novas do Avivamento alcançaram, praticamente, todas as igrejas evangélicas da cidade. Em algumas houve oposição da parte de uns poucos, porém o avivamento triunfou (CONDE, 1960, p. 13).

1.4. Eis que surge o povo Assembleiano

A Assembleia de Deus surgiria do fruto deste processo histórico, na crença em Jesus Cristo como Salvador, na justificação pela fé, e na manifestação do Espírito Santo através do falar de “Línguas estranhas”, traços herdados do Cristianismo, do Protestantismo e do Pentecostalismo, respectivamente.

O movimento Pentecostal, posteriormente, com o objetivo de difusão, começou a enviar diversos missionários em missões pelo mundo:

No início do século XX, o campo religioso norte-americano estava carregado de forças centrífugas, que num curto período de três anos centenas de fiéis se transformaram em missionários pentecostais, que influenciados por Los Angeles se espalharam primeiro para todos os EUA, depois, para Europa, Ásia, América Latina e África (CAMPOS, 2005, p. 105).

Os missionários que viriam para o Brasil, Daniel Berg⁷ e Adolph Gunnar Vingren⁸, eram imigrantes de origem sueca, recém-chegados nos Estados Unidos, fugindo da crise na

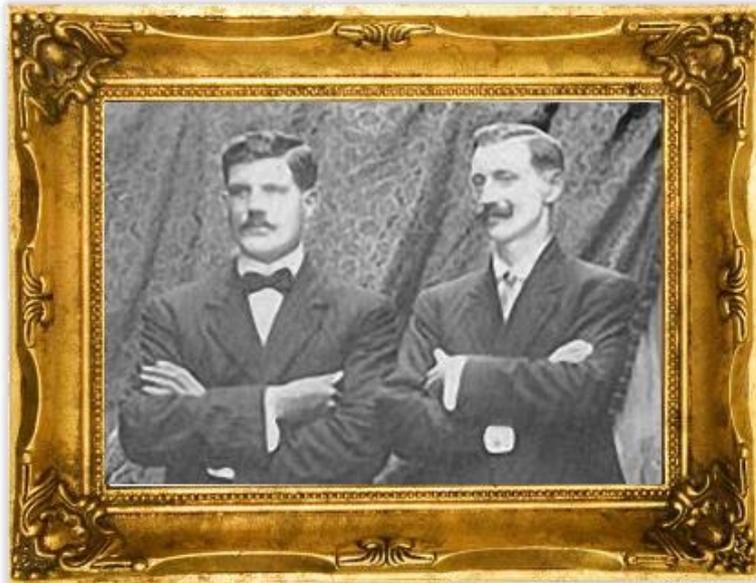
⁷ Um dos missionários fundadores do movimento que deu origem a Igreja Assembleia de Deus, chegou ao Brasil no ano de 1911, ao lado de Gunnar Vingren, com objetivo de disseminar a fé Pentecostal no Pará. Percorreu a região Norte do Brasil evangelizando e angariando membros para a nova religião.

⁸ Pioneiro do movimento Pentecostal no Pará, juntamente com seu parceiro de missão Daniel Berg. Juntos com mais 18 irmãos desligados da Igreja Batista de Belém, fundaram a Missão da Fé Apostólica, que mais tarde seria a Assembleia de Deus.

Europa, no início do século XX: “Ambos os missionários eram de procedência batista. Embora fossem suecos, se conheceram em uma conferência pentecostal em Chicago (EUA), em 1909” (FAJARDO, 2011, p. 408), onde tiveram seu primeiro contato com o Pentecostalismo.

Atraído pelos acontecimentos do avivamento de Chicago, Gunnar Vingren foi a essa cidade a fim de certificar-se da verdade; ante a demonstração do poder divino, o jovem pastor creu e foi batizado com o Espírito Santo: “Pouco tempo depois, Gunnar Vingren participava de uma convenção de igrejas batistas, em Chicago, que aceitaram o Movimento Pentecostal, onde conheceu outro jovem que se chamava Daniel Berg, que também fora batizado com o Espírito Santo” (CONDE, 1960, p. 13).

Figura 08: Da esquerda para a direita: Daniel Berg e Gunnar Vingren



Fonte: Disponível em: < <http://adaracruz.com.br/HistoriaAD.aspx> >

No ano seguinte, em uma reunião espiritual pentecostal, eles teriam recebido a revelação divina de que deveriam vir ao Pará, com o objetivo de trazer a mensagem pentecostal: “Local até então desconhecido por ambos, o que os obrigou a pesquisarem em uma biblioteca em que lugar do mundo estava o Pará” (Idem, p. 409).

Já sabendo que a cidade de Belém se localizava no Brasil, Berg e Vingren decidiram vir para o Pará no mesmo ano, em 1910.

Desembarcaram em Belém no dia 19 de novembro. A princípio os missionários integraram a Igreja Batista de Belém, fundada em 1897, por Erik Nilsson⁹, que na ocasião

⁹ Missionário fundador da Igreja Batista de Belém, participou ativamente do processo de evangelização nas cidades paraenses e amazonenses, difundindo a fé protestante. Foi também o pastor que oficializou o

estava ausente devido ao trabalho evangelístico que realizava em outras cidades amazônicas. Por este motivo, a Igreja Batista de Belém passava por dificuldades concernentes à liderança eclesiástica: “Desta forma, uma das dificuldades enfrentadas pela igreja era a necessidade de obreiros. A chegada de Vingren e Berg foi vista com grande entusiasmo. Em pouco tempo, Vingren já era convidado a dirigir cultos de oração” (FAJARDO, 2011, p. 409).

Provavelmente a ascensão de Vingren na direção dos cultos da Igreja Batista, deu-se pelo fato de maior domínio da língua portuguesa do que Berg, visto que Vingren fazia curso de português, enquanto Berg trabalhava em uma fundição para custear as despesas dos dois, inclusive com o curso. À noite Vingren tentava repassar a Berg o que aprendera:

Para obterem dinheiro e poderem pagar um professor de português, ficou combinado que Daniel voltaria a exercer o ofício de fundidor que aprendera nos Estados Unidos, enquanto Vingren estudaria durante o dia. À noite, Vingren ensinaria a Daniel o que aprendera (COSTA, 2016).

Nas suas pregações, os missionários, já com certo domínio da língua portuguesa, não perdiam a oportunidade de falar no Batismo do Espírito Santo que se concretizava no ato de falar em “línguas estranhas”, base da fé pentecostal. O assunto causava divisão na igreja, visto que nem todos aceitavam essa nova doutrina oriunda dos Estados Unidos:

Em nenhuma ocasião em que foi nos permitido falar à igreja, nós escondemos a chama pentecostal que Deus havia acendido em nossos corações. Testificamos também para o missionário batista, tanto sobre o batismo com o Espírito Santo, como sobre a cura divina. Esse missionário era sueco, mas havia sido enviado dos Estados Unidos para o Brasil. O seu nome era Erik Nilsson. No início ele nos ouviu silenciosamente. Mas em outra oportunidade disse-nos que deveríamos deixar de fora da nossa mensagem aquele versículo que fala de Jesus batizar com o Espírito Santo, “pois propaga divisões”, argumentou ele (VINGREN, 2007, p. 39).

As divergências entre os fiéis tradicionais e os que concordavam com a doutrina dos missionários, culminaria no desligamento de Daniel Berg, Gunnar Vingren e um grupo de 18 membros da Igreja Batista de Belém: “A partir de 13 de junho de 1911, o grupo pentecostal era desligado oficialmente da Primeira Igreja Batista de Belém e cinco dias depois passa a se reunir na residência de Celina Albuquerque¹⁰” (FAJARDO, 2011, p. 410).

desligamento do grupo Pentecostal da Igreja Batista, fato que contribuiu para o surgimento da Assembleia de Deus na cidade.

¹⁰ É considerada a primeira pessoa batizada com o Espírito Santo no Pará. Casada com o irmão Henrique Albuquerque, participou ativamente do movimento Pentecostal liderado por Daniel Berg e Gunnar Vingren.

Figura 09: Parte do grupo fundador da Assembleia de Deus, em 1911¹¹



Fonte: Disponível em: < <http://adaracruz.com.br/HistoriaAD.aspx>>

O grupo de fieis pentecostais passou a se chamar “Missão da Fé Apostólica no Brasil”. Reunidos na casa da irmã Celina, os irmãos realizavam seus cultos nos moldes do Movimento Pentecostal, falando em “línguas estranhas” como dom sobrenatural dado por Deus, professando curas, profecias e diversos milagres:

Em 18 de junho de 1911, nascia a Missão da Fé Apostólica, que em 11 de janeiro de 1918 foi registrada oficialmente com um novo nome, Assembleia de Deus, nome este que a nova igreja já usava desde 1916. Era uma igreja sem vínculos estrangeiros, genuinamente brasileira e que se tornaria a maior igreja pentecostal do mundo (CAVALLERA, 2011).

Algum tempo depois passaram a se reunir no primeiro templo da nova Igreja, construído em 1914:

¹¹ Da esquerda para direita, Tereza Silva de Jesus, Jeruza Dias Rodrigues e o esposo Manoel Maria Rodrigues, Celina Albuquerque e o esposo Henrique de Albuquerque e, Maria de Nazaré. Esses fieis fizeram parte do grupo pentecostal que foi desmembrado da Igreja Batista de Belém para, futuramente, formar a Assembleia de Deus.

Figura 10: Primeiro Templo da Assembleia de Deus



Fonte: Disponível em: <<http://marllon221190.blogspot.com.br/2015/06/Assembleia-de-deus-no-brasil-1911-2015.html>>

Segundo o site da Assembleia de Deus (2013), o nome “Assembleia de Deus” foi sugerido por Vingren, após regressar de uma viagem aos Estados Unidos, então, “supõe-se que esteja ligado às igrejas que na América do Norte professavam a mesma doutrina e receberam a denominação de Assembleia de Deus ou Igreja Pentecostal” (Disponível em: <http://www.adbelem.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=584: nasce-a-Assembleia-de-deus&catid=128:momentos-da-historia>). Mas é importante ressaltar que não houve, e não há nenhum vínculo institucional entre a Assembleia de Deus brasileira e a americana.

Em 1918 a Assembleia de Deus é reconhecida oficialmente como instituição:

Em 11 de janeiro de 1918, Gunnar Vingren registrou o Estatuto da Igreja no Cartório de Registro de Títulos e Documentos do 1º ofício, em Belém, no Livro A, Nº 2, de Registro Civil de Pessoas Jurídicas e outros papéis, número de ordem 131.448, sob o nome “Estatuto da Sociedade Evangélica Assembleia de Deus”, número de ordem 21.320, do Protocolo Nº 2. Os extratos do Estatuto foram publicados no Diário Oficial do Estado do Pará, sob nº 766524. Com esse registro, a igreja começou a existir legalmente como pessoa jurídica adequando-se aos Artigos 16 e 18 do primeiro Código Civil Brasileiro que acabara de entrar em vigor em 1º de janeiro de 1917 (CPAD, 2011).

Daniel Berg e Gunnar Vingren percorreram diversas cidades do Pará e do Amazonas, no intuito de difundir a sua fé. Realizando trabalhos evangelísticos, angariaram muitos adeptos por toda a região Norte, onde plantaram muitas congregações.

O fim do Ciclo da Borracha favoreceu a expansão da Igreja Assembleia de Deus, principalmente no Nordeste do Brasil, visto que os seringueiros residentes no Pará, já convertidos à fé pentecostal, retornaram para sua região levando seu novo credo consigo, preparando terreno para os novos missionários que em breve chegariam:

A atuação dos missionários suecos marcou o período de crescimento da Assembleia de Deus no Norte e Nordeste do país e a formação dos primeiros pastores brasileiros. O fim do ciclo da borracha no Pará e consequente retorno dos migrantes seringueiros para suas regiões de origem permitiu que a igreja se espalhasse por novos estados da federação. Em 1914 a igreja já estava presente em três estados do nordeste e em 1923 chegaria ao sudeste do país (FAJARDO, 2011, p. 409).

1.5 – Eis que surge a cultura assembleiana

Um dos aspectos herdados do Protestantismo Luterano pela Igreja Assembleia de Deus foi a crença de que a Bíblia está acima de qualquer questionamento, tornando-se muito mais que um livro histórico. Para os Assembleianos a Bíblia se tornou uma espécie de código a ser seguido, instituído por Deus. As cartas enviadas às Igrejas Cristãs Primitivas contidas na Bíblia, a exemplo de “Romanos”, “Corintos”, “Hebreus”, entre outras, são onde os Assembleianos fundamentam seus usos e costumes conforme suas interpretações da leitura destes textos.

Atualmente a Assembleia de Deus é conhecida, principalmente no Pará, como um segmento muito tradicional, por tentar manter hábitos e costumes oriundos da sua formação inicial. A 22ª Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, ocorrida em 1989, em Santo André – SP, oficializou a manutenção destes costumes, que se tornaram característicos desse seguimento:

A 22ª Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, reunidas na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrina na Palavra de Deus. A Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil – ela, a Convenção Geral, imbuída sempre dos mais altos propósitos, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem, em nosso País, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte: 1) Uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo masculino; 2) Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados, do sexo feminino; 3) Uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face; 4) Corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregados); 5) Sobrancelhas alteradas; 6) Uso de mini-saias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã; 7) Uso de aparelho de televisão – convidando abster-se,

tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa, que se justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde; 8) Uso de bebidas alcoólicas (MENSAGEIRO DA PAZ, 1989, p. 17).

Depois de mais de um século de existência, algumas doutrinas ainda são mantidas, outras contestadas: “Os líderes mais conservadores ainda defendem as normas mais rígidas, principalmente quando se trata dos usos e costumes femininos, já outros, mais liberais, tentam negociar algumas exceções” (DAMASCENO, 2012). Assim, os usos e costumes podem sofrer variações de uma Assembleia de Deus para outra, dependendo da liderança eclesial. Em outras palavras, depende muito da postura do pastor diante dos itens citados acima.

Outro fator determinante é a localidade da congregação. Em suma, as Assembleias de Deus do interior do Estado são mais rígidas em relação a essas doutrinas do que as congregações localizadas em regiões metropolitanas, onde cada vez mais se torna comum, por exemplo, fiéis do sexo feminino trajando calça comprida, usando joias, maquiagem, entre outros.

No entanto, alguns costumes são comuns em praticamente todas as congregações Assembleianas, como a abstenção de álcool, cigarro e outros vícios. Há também uma forte restrição ao uso de músicas seculares, “músicas mundanas”, como são denominadas neste seguimento.

Sendo a Bíblia o livro referencial da fé pentecostal Assembleiana, a música para essa denominação tem um caráter sobrenatural, tal como descrito em diversas partes das Sagradas Escrituras: “E sucedia que, quando o espírito maligno vinha sobre Saul, Davi tomava a harpa e a dedilhava; então, Saul sentia alívio e se achava melhor, e o espírito maligno se retirava dele” (BÍBLIA, 1Sm 16:23); “Gritou, pois, o povo, tocando os sacerdotes as buzinas; e sucedeu que, ouvindo o povo o som da buzina, gritou o povo com grande brado; e o muro caiu abaixo, e o povo subiu à cidade, cada um em frente de si, e tomaram a cidade” (BÍBLIA, Js 6:20); “Por volta da meia noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam. De repente, sobreveio tamanho terremoto, que sacudiu os alicerces da prisão; abriram-se todas as portas, e soltaram-se as cadeias de todos” (BÍBLIA, At 16:25-26).

A crença na força do louvor, na música, como arma poderosa, baseada nos trechos supracitados é muito forte na Assembleia de Deus. Os verbos “cantar” e “tocar” são comumente substituídos pelo verbo “louvar” na cultura Assembleiana. Essa fé é muito bem representada na música “Terremoto”, da cantora Assembleiana Eyshila, um dos maiores nomes da música gospel da atualidade:

Um terremoto vai acontecer aqui
 E as cadeias que me cercam vão cair
 Quando não há o que fazer
 E é muito forte a minha dor
 Levanto as mãos pro céu e louvo ao Senhor (...).

Vale aqui lembrar que a religião Pentecostal é muito ligada aos fatos do cotidiano, como já mencionado nesta seção, buscando encontrar soluções espirituais para tais situações. De fato, o hino da cantora Eyshila cita um episódio bíblico, de Paulo e Silas na prisão, mas faz claramente uma alusão às tensões cotidianas representadas pelas “cadeias que me cercam”. E a música, então, teria esse poder de dissipar qualquer problema, qualquer cadeia que esteja de algum modo prejudicando o fiel.

As muralhas de Jericó que caíram ao som de instrumentos e vozes, retratadas na Bíblia (Js 6:15-21), também são comumente associadas a impedimentos na vida do Assembleiano, seja no setor espiritual, financeiro, conjugal, mas que certamente cairão segundo esta fé. Esta alusão é também muito usada nas letras dos hinos da Assembleia de Deus, a exemplo do corinho¹² “Vem com Josué”, canção de domínio público, tradicionalmente cantado na Assembleia de Deus:

Vem com Josué lutar em Jericó
 Jericó, Jericó
 Vem com Josué lutar em Jericó
 E as muralhas ruirão (...).

Ou no hino mais atual da também renomada cantora Assembleiana Cassiane, intitulado “A muralha”:

Cairá, a muralha cairá, sobre pedras ficará
 Não se canse de louvar, a muralha cairá
 A muralha cairá, a muralha cairá
 Sobre pedras ficará quando você adorar (...).

Os textos destas canções Assembleianas não falam apenas do poder da própria música, falam também das aflições cotidianas enfrentadas pelos fiéis e do consolo encontrado em Cristo, sempre passando uma ideia de que a fase ruim em breve vai passar com a ajuda de Deus. Neste sentido a música também exerce uma função profética.

Além de arma contra o inimigo, contra cadeias e muralhas, a música na referida Igreja é uma espécie de veículo para se chegar a Deus, baseado principalmente no fato de que Deus, segundo a Bíblia, habita no meio dos louvores do seu povo (Sl 22:3).

¹² Pequenas canções de domínio público e de cunho religioso entoadas tradicionalmente na Assembleia de Deus.

A manifestação do Espírito Santo nos fiéis através do falar em “línguas estranhas” geralmente se dá em momentos de adoração, momentos musicais. Este fato alimenta essa crença e confirma o uso da música como agente facilitador para se chegar a Deus nesta denominação. Mas, a função principal da música nessa igreja, como em praticamente todas as igrejas cristãs, é adorar.

A adoração é descrita na Bíblia como de suma importância, e por isso é praticada pelos Assembleianos desde a fundação da igreja. Dado a este fato, nas cerimônias religiosas desta igreja a música é um elemento crucial: “a música é componente essencial do culto evangélico, juntamente com as orações e a prédica ou sermão” (MARTINOFF, 2010, p. 68).

Para os Assembleianos a música não somente foi importante no passado ou mesmo no presente, segundo eles, quando todo esse mundo se acabar, eles estarão em um lugar maravilhoso com Deus, cantando eternamente “Aleluia”, que quer dizer “sejas louvado”. Este fato se dará quando Cristo vier buscar a sua Igreja e levá-la consigo para um lugar onde não haverá mais sofrimentos: “E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas” (BÍBLIA, Ap 21:4). Essa é a maior esperança dos Assembleianos, a razão de tudo. Eles aguardam a vinda de Cristo, tal como descrita na Bíblia.

VEM À ASSEMBLEIA E LOUVEMOS

Ó vem, vem, vem, vem!
Vem à Assembleia e louvemos
Ao nosso bom Deus Redentor,
Pois maior alegria não temos,
Que fruir Seu imenso amor.

(Harpa Cristã-CPAD)

Figura 11: Templo Central da Assembleia de Deus de Viseu PA



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A Assembleia de Deus de Viseu é uma igreja muito tradicional que atualmente conta com mais de 2 mil membros espalhados pela sede e pelos povoados que fazem parte do município de Viseu.

A cidade de Viseu fica situada no Nordeste do Estado do Pará, na Região conhecida como Bragantina, Região que abrange os Municípios próximos a Bragança:

Figura 12: Localização geográfica de Viseu e Bragança no mapa do Pará



Fonte: Elaborado pelo autor .

A cidade de Viseu em 2018 comemorou 123 anos de emancipação, apesar de que o povoado é bem mais antigo. Banhada pelo rio Gurupi, fronteira do Pará com o Maranhão, a cidade tem mais de 45.582 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016). E uma área de 4.915,073 km².

A cidade, apesar de muito agradável e hospitaleira, veio sofrendo ao longo do século XX com a corrupção de seus governantes e quando comparada com suas cidades vizinhas se percebe o pouquíssimo progresso. A cidade não tem uma economia estável e sua principal fonte de renda são os proventos dos funcionários públicos e dos aposentados, quando na verdade deveria ser a pesca e a agricultura por ser banhada por um farto rio e dispor de muitos hectares de terra improdutiva.

No entanto da virada do século até aqui tem se notado um pequeno progresso na cidade de Viseu.

2.1 Vem à história da Assembleia de Deus em Viseu

Segundo o irmão José de Andrade Lima, membro da Assembleia de Deus, em Viseu, e descendente da primeira família assembleiana do Município, o movimento assembleiano começou em Viseu por volta do ano de 1921, quando seu primo tio Raimundo Camelo, que estudava em Belém do Pará, passou em frente a um culto da Assembleia de Deus, na capital paraense. Fascinado com o que ouvira na pregação se converteu, largou os estudos e voltou para a casa de sua família em Marataúna, pequeno povoado que faz parte do Município de Viseu, para trazer a mensagem assembleiana para a sua família e agregados: *“Nessa época algumas pessoas aceitaram a Jesus¹³, inclusive minha avó, Firmina de Andrade Lima. (...) Os cultos passaram a ser dirigidos na casa da minha avó, em Marataúna, aonde veio o primeiro evangelista¹⁴ que se hospedou lá com ela”* (Entrevista realizada em 29.10.2018).

Do Marataúna, onde se estabeleceu uma congregação, se estendeu para outro lugarejo do Município de Viseu, Vila Nova, onde também teve outra congregação. A Assembleia de Deus começou a se estabelecer pelos interiores do Município: Piquiateua, Fernandes Belo, Peroba, Curupaiti. Na época do ouro começou a se espalhar pelos garimpos da Serra do Piriá, Município de Viseu, de onde o irmão José de Andrade Lima tem suas primeiras lembranças como assembleiano.

Durante essa expansão da igreja pelo interior de Viseu, uma congregação foi estabelecida na sede do Município, na Rua São Benedito, onde hoje é o prédio da Rede Celpa na cidade, mas não teve muito êxito e acabou sucumbindo. Tempos depois, entre os anos 50 e 60, tendo uma igreja já estabelecida em Curupaiti, território viseuense, um agente de endemias da cidade de Viseu, João Guerreiro, falecido recentemente, se converteu em Curupaiti, em uma de suas viagens de trabalho.

Entusiasmado, João Guerreiro queria que a Igreja Assembleia de Deus também se estabelecesse na sede do Município. *“Ele foi em Belém e pediu que a convenção mandasse um obreiro pra cá”* (idem). Desta feita a convenção das Assembleias de Deus em Belém enviou dois missionários, cujos nomes não estão mais na memória dos assembleianos de Viseu, que fundaram uma igreja, em uma pequena casa, em um terreno doado pelo irmão João Guerreiro.

13 Expressão usada na Assembleia de Deus para nomear o rito de conversão, consiste em se ajoelhar e confessar que Cristo é o único e suficiente Salvador diante da igreja ou de um assembleiano que logo após faz uma oração apresentando a alma a Jesus.

14 Missionário enviado pela convenção da Assembleia de Deus para iniciar os trabalhos em um novo campo.

No início dos anos 90 um dos prefeitos da Cidade de Viseu, Hélio Bogéia, doou para a igreja um grande terreno que ficava do lado do pequeno templo que havia se erguido. Terreno este onde foi inaugurado, em 2007, o atual templo da Assembleia de Deus em Viseu-PA.

2.2 Vem à liturgia da Assembleia de Deus em Viseu

“Mas, se alguém quiser ser contencioso, nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus” (BÍBLIA, 1Co 11:16). Discordar, contestar, argumentar costumes e tradições da Assembleia de Deus não é visto com bons olhos pela comunidade. A interferência das “coisas do mundo”, ou “mundanismo¹⁵”, é perigoso ou mesmo pecaminoso segundo os Assembleianos mais tradicionais. Dado a isto, em se tratando das Assembleias de Deus no Pará, assim como nas questões doutrinárias, as questões litúrgicas passaram por poucas mudanças no decorrer do tempo, segundo os Assembleianos de Viseu.

Contudo, indiscutivelmente novos elementos foram inseridos na liturgia dos cultos, gradativamente, durante o Século XX. Todavia os moldes dos cultos ministrados pelos pastores pioneiros ainda permanecem na Assembleia de Deus viseuense. Vale mencionar, entretanto, que qualquer elemento novo enfrenta forte resistência antes de ser incorporado à liturgia da referida igreja. E mesmo depois de incorporado ainda enfrenta críticas e rejeição por parte dos fieis mais tradicionais.

Essa certa rejeição pelo “novo”, visto que esse pode trazer mundanismos para dentro da igreja, fortalece a preferência pelos hinos da Harpa Cristã como sendo estes realmente aptos para a liturgia dos cultos.

O Pastor Lindomar Martins (2016), da Assembleia de Deus em Goiás, relata como deve ser a estrutura do culto assembleiano:

A respeito da estrutura do culto, a partir de I Co. 12.40, sabemos que tudo deva acontecer com decência e ordem, para a edificação do Corpo de Cristo (I Co. 14.26), e que esse deve ser racional (Rm. 12.1). Na igreja primitiva, por não disporem de templos, os primeiros crentes se reuniam nas casas (At. 3.1; 4.23,24), onde oravam e adoravam ao Senhor, oferecendo contribuições voluntárias para a obra de Deus (I Co. 16.2; II Co. 9.7; Fp. 4.18). Nesses encontros, havia espaço para a leitura de textos bíblicos (At. 2.42; 17.11) e cânticos de adoração (Ef. 5.18-21). A liturgia Assembleiana se baseia nesses elementos do culto neotestamentário, com algumas adaptações regionais. Os cultos costumam ter oração inicial, hinos da Harpa Cristã,

15 Refere-se às coisas de fora da igreja, seculares. Músicas não religiosas, por exemplo, são músicas mundanas no entendimento dos assembleianos.

hinos cantados pelos conjuntos e corais da igreja, leitura bíblica oficial do culto, oração que segue logo após a leitura, apresentação dos visitantes, hinos avulsos cantados por irmãos e irmãs da igreja local, durante um dos hinos os dízimos e ofertas são arrecadados, depois vem a pregação evangelística e/ou exposição bíblica (doutrina ou instrução). Ao final, caso se trate de um culto evangelístico, faz-se o apelo aos visitantes, e conclui-se com uma oração final.

Os elementos que compõem a liturgia dos cultos apontados pelo Pastor Lindomar na Assembleia de Deus em Goiás, grosso modo, são os mesmos na Assembleia de Deus em Viseu PA, com pequenas alterações na ordem cronológica.

Generalizando, o culto inicia com uma oração. Logo após, o pastor ou dirigente do culto convida os fieis para o momento dos hinos congregacionais - três ou mais hinos da Harpa Cristã. Em continuação se faz a leitura da Palavra - leitura bíblica, e outra oração. Segue-se, nesta ordem, o momento dos hinos avulsos - hinos mais contemporâneos, que não fazem parte do hinário da Harpa Cristã - cantados por corais, grupos, orquestra, cantores ou cantoras. Não há uma ordem determinada neste momento do culto, ficando a cargo de quem o dirige a sequência destas apresentações musicais. Durante uma ou duas destas apresentações pode acontecer o recolhimento de ofertas. Outra oração precede o momento da pregação oficial¹⁶. O apelo¹⁷ ocorre, geralmente, no final desta pregação. Caso o pregador não se estenda muito no tempo da mensagem, uma ou duas apresentações musicais podem acontecer antes da oração final, que precede as bênçãos apostólicas.¹⁸ Os Corinhos, pequenas canções que abordaremos mais adiante, não tem um lugar definido na ordem dos eventos litúrgicos, podendo ser entoados entre um evento e outro, conforme o comando do dirigente do culto.

As pregações e as orações são itens de suma importância na liturgia do culto, contudo, o notável número de elementos musicais compondo essa liturgia revela a música como parte fundamental para o seu desenvolvimento. Os corinhos, os hinos da Harpa Cristã, o coral, o grupo de jovens, a orquestra, a banda base e os cantores solos são exemplos de momentos musicais que se fazem presente na maioria das congregações deste seguimento.

16 O termo “Oficial” difere esta pregação de maior duração de tempo das pregações menores que podem ocorrer entre as apresentações musicais, essas pregações “menores” são mais conhecidas como “saudações”. A saudação consiste em uma leitura de uma passagem bíblica seguida de uma breve explanação sobre o que foi lido. Esta deve durar em média de 3 a 5 minutos, mais do que isso é considerado falta de ética.

17 Momento em que se convida os não protestantes a “se entregarem a Jesus” - converter-se a religião.

18 Bênção dada no final do culto somente pelo pastor, presbítero ou evangelista: "A graça do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, o amor de Deus nosso Pai, a comunhão e a consolações do Espírito Santo sejam sobre todo o povo de Deus, desde agora e para sempre, e toda a igreja diga Amém". Baseado em um versículo da Bíblia (2Co 13:13)

2.3 Vem aos momentos musicais no culto

Nas Assembleias de Deus existem alguns corais nas igrejas que geralmente tem uma oportunidade ou duas de cantarem aos domingos ou em cultos especiais. No entanto, apenas o coral composto por adultos é chamado de coral, “O Coral da igreja”, os demais corais são chamados de grupos. Dependendo da igreja, há grupo de adolescentes e grupo de crianças, mas o grupo que tradicionalmente há nas Assembleias de Deus é o grupo de jovens.

2.3.1 O Grupo de Jovens

Os grupos de jovens cantam hinos de cantores famosos da mídia gospel. Ensaiam durante a semana e se apresentam, na maioria das vezes, no domingo ou em cultos especiais. Em algumas congregações desse seguimento o grupo de jovens canta em uníssono e em outras a quatro vozes. O arranjo vocal é geralmente semelhante ao do CD do cantor ou grupo escolhido pelo regente que também é o encarregado de ouvir esses arranjos vocais, adaptá-los e repassá-los a cada voz: soprano, contralto, tenor e baixo.

Figura 13: Grupo de Jovens da Assembleia de Deus de Viseu



Fonte: AD Viseu-Disponível em <https://www.facebook.com/pg/adviseupa/photos/?ref=page_internal>

Há também o grupo de adolescentes composto por jovens de 12 a 14 anos, mas esse grupo geralmente é incorporado ao grupo de jovens, sendo separado apenas se houver demanda e funciona da mesma maneira que o grupo de jovens.

2.3.2 O Coral

O coral da igreja de Viseu é geralmente composto por adultos, em sua maioria casados, já que ser solteiro é um critério para continuar no grupo dos jovens. Em virtude disso, os cantores ao iniciarem a vida de casados também iniciam como coristas no coral

oficial da igreja, se assim desejarem. O repertório desse coral é mais “tradicional”, geralmente cantam hinos mais antigos, muitos deles já incorporados na Harpa Cristã.

A divisão de vozes é um tanto mais requintada do que as dos grupos de jovens, com tendência a um resultado musical de caráter mais “erudito”, por isso necessita de um regente com maior conhecimento musical. Diante dessa necessidade, o coral da igreja de Viseu está desativado por falta de regente especializado. No momento, seu lugar na liturgia do culto está sendo ocupado pelo grupo de oração das senhoras assembleianas, denominado de Círculo de Oração que cantam como um coral, geralmente em uma só voz.

Figura 14: Círculo de oração em Viseu-PA



Fonte: AD Viseu-Disponível em <https://www.facebook.com/pg/adviseupa/photos/?ref=page_internal>

2.3.3 A Orquestra

Esses grupos instrumentais chamados de orquestras pelos Assembleianos possuem formações instrumentais distintas. Não há restrições concernentes à faixa etária para ser inserido na orquestra da Igreja. O principal requisito é o conhecimento musical. Para tanto, a igreja geralmente tem uma escola de música informal onde os músicos mais experientes repassam o seu conhecimento aos interessados em integrar a orquestra. A igreja disponibiliza os instrumentos para os músicos da orquestra. Os instrumentos são patrimônio da igreja, sobre a responsabilidade do músico que faz uso dele, componente da orquestra do Templo Central de Viseu, a orquestra Acordes Celestes. Isso não impede que um componente da orquestra possua seu próprio instrumento e o use nos trabalhos da igreja.

Figura 15: Orquestra Acordes Celestes – Templo Central de Viseu-PA



Fonte: AD Viseu-Disponível em <https://www.facebook.com/pg/adviseupa/photos/?ref=page_internal>

A orquestra, em geral, tem duas oportunidades de apresentação no culto. São tocados, na maioria das vezes, versões de hinos clássicos, congregacionais, contemporâneos, adaptados para orquestra. Os arranjos podem ser feitos pelo maestro, por um músico da igreja mais experiente, ou pode ser proveniente de orquestras de igrejas de outras localidades. Algumas vezes os músicos acompanham os hinos da Harpa Cristã na hora do canto congregacional, restringindo-se apenas a tocar a melodia, sem grandes variações, como recomenda a Harpa Cristã. Essas partituras são distribuídas pelas Casas Publicadoras da Assembleia de Deus, CPAD:

Figura 16: Partituras dos hinos 3 e 4 da Harpa Cristã em Bb

3 **Plena Paz**
A. N. (J. Howard Entwisle)

♩ = 96 Andante

4 **Deus Velará Por Ti**
*** (W. S. Martin)

♩ = 52 Largo

Fonte: Acervo pessoal do autor.

No entanto, alguns dirigentes de culto iniciam o hino numa tonalidade diferente da partitura. Isso requer que os músicos toquem “de ouvido”, aprimorando assim a percepção musical do instrumentista.

2.3.4 Os Cantores Solistas

Na Assembleia de Deus em Viseu não é comum a presença de cantores oficiais. Os irmãos que desejarem cantar podem ir à secretaria da igreja e colocar seu nome no roteiro para serem chamados no momento dos hinos avulsos durante o culto, desde que o fiel tenha uma boa conduta diante da igreja e do pastor.

Os hinos cantados geralmente são de cantores consagrados na mídia gospel: Eyshila, Cassiane, Damaris e Kleber Lucas são exemplos de cantores que têm seus hinos muito cantados nas Assembleias de Deus em Viseu por cantores locais, por isso, além de lançar o CD convencional, esses cantores profissionais também disponibilizam nas lojas o CD

Playback, utilizado pelos cantores das igrejas no momento do culto, muito embora alguns cantores locais prefiram ou também cantem acompanhados pela banda base.

2.3.5 A Banda Base

É composta por um tecladista, um baterista, um baixista e um guitarrista, A banda base, em geral, acompanha os cantores e grupos, se estes assim solicitarem. O tecladista pode fazer, por vezes, um fundo musical na hora da pregação, caso o pregador assim deseje.

2.3.6 Os Corinhos

Entre uma apresentação e outra, no decorrer do culto, pequenas melodias com letras curtas e fáceis de memorizar são cantadas para preencher o espaço de tempo enquanto um coral ou alguém se prepara para cantar, ou mesmo na hora de tirar a oferta. Sempre que há algum espaço de tempo livre durante o culto, essas melodias, chamadas de Corinhos, são entoadas por toda a comunidade presente. Um aspecto interessante é que enquanto a salva¹⁹ não passar por toda a igreja ou o próximo coral a se apresentar não estiver pronto, os corinhos vão sendo cantados um após o outro animando a comunidade.

A maioria dos corinhos tem ritmo de forró e são muito apreciados pelos fiéis que preferem chamar o ritmo dos corinhos de “pentecostal”. Entre os corinhos preferidos da igreja estão o “Desemborca o vaso” e o “Poço de Jacó”:

Desemborca o vaso

Desemborca o vaso, Jesus
Enche de azeite
Enche de azeite
Enche de azeite

O poço de Jacó

O poço de Jacó tem água pra tirar
Quem tira uma vez, duas, três tem que tirar
É Jesus Cristo essa fonte da água viva
Essa fonte nunca seca
Essa fonte tem poder

2.3.7 Os hinos da Harpa Cristã

Os hinos da Harpa Cristã são os cânticos congregacionais da Assembleia de Deus. São entoados por todos os fieis presentes no culto, formando um grande coral acompanhado pelos instrumentistas, ou não, haja vista que a orquestra e os músicos da banda base podem,

¹⁹ Saquinho de pano com cabo de madeira ou metal usado para recolher ofertas na igreja. A salva vai passando de banco em banco durante a apresentação de um hino ou corinho.

vez ou outra, faltar aos cultos no decorrer da semana. Em dadas cerimônias a presença de músicos instrumentistas não se faz necessária, a exemplo de cultos fúnebres e orações. Em geral, os principais músicos que executam tais hinos são os cantores: os próprios fiéis, os congregantes.

3. TODOS JUNTOS

O pastor entrou na igreja ainda quando os fiéis estavam de joelhos dobrados, era culto de oração²⁰. O presbítero orava em voz alta e os fiéis oravam baixinho nos bancos, vez ou outra se ouvia “gloria a Deus!”, “Aleluia!”. Alguns jovens e adolescentes ajoelhados, mas de olhos abertos, conversavam e eram logo repreendidos pelos olhares dos mais velhos que pareciam dizer “respeite o momento da oração, estamos falando com Deus”. Com exceção de uns poucos, a igreja toda estava de olhos fechados e joelhos dobrados.

O presbítero passa o microfone para o pastor da igreja que ora por uns 20 minutos e termina com um “amém, amém e amém!”. De repente se ouve um cântico “Deus está aqui, aleluia!, tão certo como o ar que eu respiro, tão certo como o amanhã que se levanta, tão certo como eu te falo e podes me ouvir”, cantam os fiéis enquanto se levantam e tomam seus acentos. Todos pegam suas harpas, livro onde estão impressos os cantos congregacionais da Assembleia de Deus, o pastor fala no microfone “número 124”, rapidamente os fiéis folheiam a Harpa Cristã procurando o hino 124, a orquestra dá o tom, fá maior, ouve-se uma respiração conjunta, seguida de um forte brado, mais de 200 vozes começam a cantar em uníssono:

Adorai o Rei do universo!
Terra e céus, cantai o Seu louvor!
Todo o ser no grande mar submerso,
Louve ao Dominador!

Todos juntos O louvemos!
Grande Salvador e Redentor!
Todos O louvemos!
Régio Dominador!

Adorai-O, anjos poderosos,
Vós que Sua glória contemplais!
Vós, remidos, já vitoriosos;
Graças, rendei-Lhe mais!

Sol e lua, coros estelares,
Sua majestade anunciai,
Hostes grandes, centos de milhares,
O Seu poder mostrai!

Ventos! Chuvas! Raios! Trovoadas!
Revelai o forte Criador!
Vós dizeis, ó serras elevadas,

²⁰ Relato de observação feito na noite do dia 29 de outubro de 2018 em um culto de oração, culto que se inicia com um momento de oração de joelhos, diferenciando-se dos outros cultos que se iniciam logo com os hinos da Harpa Cristã. No culto de oração os hinos da Harpa são entoados após o momento da oração de joelhos.

Quão grande é meu Senhor!

Altos cedros! Grama verdejante!
Esta sinfonia aumentai;
Aves, vermes, todo o ser gigante;
Gratos a Deus louvai!

(Harpa Cristã-CPAD)

De repente a orquestra para, pensam ter chegado ao final do canto, mas ainda havia mais uma estrofe, os fiéis continuam cantando bem forte a última estrofe do hino:

Homens! Jovens! Velhos e meninos!
Adorai ao vosso Redentor!
Reis e sábios, grandes, pequeninos,
Dai-Lhe veraz louvor!

(Harpa Cristã-CPAD)

A confusão da orquestra se deu devido ao formato ABABAB desse hino, canto congregacional, que é o mesmo formato da maioria dos hinos da Harpa Cristã. Em outras palavras, canta-se a estrofe seguida do estribilho, depois a outra estrofe com a mesma melodia da primeira, repete-se o estribilho, e assim sucessivamente, conforme o número de estrofes que o hino tiver. A partitura a seguir mostra de maneira mais clara o formato do hino 124 da Harpa Cristã:

Figura 17: Hino de número 124 da Harpa Cristã - Partitura com letra

Adoração **124**

E. W. (R. C. Ward)

G ou Em
♩ = 100
Andante

1. A - do - rai o Rei do U - ni - ver - so! Ter - ra e céus, can - tai o Seu lou - vor!
 2. A - do - rai - O, an - jós po - de - ro - sos, Vós que Su - a gló - ria con - tem - plais!
 3. Sol e lu - a, co - rós es - te - la - res, Su - a ma - jes - ta - de a - nun - ci - ai,
 4. Ven - tos! Chuvas! Rai - os! Tro - vo - a - das! Re - ve - lai o for - te Cri - a - dor!
 5. Al - tos ce - dros! Gra - ma ver - de - jan - te! Es - ta sin - fo - ni - a au - men - tai;
 6. Ho - mens! Jo - vens! Ve - lhos e me - ni - nos! A - do - rai ao vos - so Re - den - tor!

To - do o ser no gran - de mar sub - mer - so, Lou - ve ao Do - mi - na - dor!
 Vós, re - mi - dos, já vi - to - ri - o - sos; Gra - ças, ren - dei - Lhe mais!
 Hos - tes grandes, cen - tos de mi - lha - res, O Seu po - der mos - trai! To - dos
 5 Vós di - zeis, ó ser - ras e - le - va - das, Quão grande é meu Se - nhor!
 A - ves, ver - mes, to - do o ser gi - gan - te; Gra - tos a Deus lou - vai!
 Reis e sá - bios, grandes, pe - que - ni - nos, Dai - Lhe ve - raz lou - vor!

9 jun - tos O lou - ve - mos! Gran - de Sal - va - dor e Re - den - tor!

13 To - dos O lou - ve - mos! Ré - gio Domi - na - dor!

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Ocorre que a orquestra se perdeu no número de estrofe e achou que a quinta estrofe fosse a última, mas ainda havia a sexta, haja vista que esse tipo de partitura com letra

mostrado na figura 17 é bastante incomum nas orquestras assembleianas, a maioria das partituras geralmente são como mostra na figura 18:

Figura 18: Hino de número 124 da Harpa Cristã-Partitura

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Note que não há indicações de repetições, mas os músicos assembleianos conhecem os hinos e sabem que devem repetir as estrofes e os estribilhos diversas vezes. Na maioria das vezes o formato é ABAB., e alguns tem formato AAAA. Assim como os demais fieis os músicos conhecem a maioria dos hinos de tanto os ouvir desde criança. E raramente cometem erros como o citado acima.

Para os coristas, que são todos os fiéis que participam do culto, não há partitura, no hinário consta somente a letra das canções.

No momento em que a orquestra parou se pôde ter a certeza de que todos os fiéis estavam cantando, “homens, jovens, velhos e meninos”, como diz a última estrofe do hino 124, todos juntos e louvando, louvando a Deus, cantando de cor a letra e a melodia aprendidas “por osmose”, de tanto ouvir, nesse momento que antecede ou abre o culto. Pode-se dizer que todo culto ou cerimônia na Assembleia de Deus em Viseu são abertos com esse momento do canto congregacional.

3.1 Todos juntos no canto congregacional

Atualmente, a maioria das pessoas, principalmente as não protestantes, tem uma ideia errônea a respeito do canto congregacional. Ao contrário do que se pensa, não se trata de hinos que são cantados em uma determinada congregação. Nem todos os hinos entoados em uma igreja protestante são congregacionais.

Outra definição, não aceita pelos mais tradicionais, imposta pela mídia, oriunda, principalmente, de protestantes recém-convertidos, é a de que o canto congregacional seria aquele estilo de hino executado pelo “Ministério de Louvor”²¹ de uma igreja, onde os fiéis levantam as mãos, dançam e bradam liderados por um cantor ou cantora que se posiciona no altar:

Provavelmente você não está familiarizado com a expressão “canto congregacional” na mesma perspectiva que os nossos pais reformadores. A referência que temos desta atividade pode ser confundida com a ideia de um palco em destaque no auditório do templo, uma banda ou conjunto bem posicionado e distribuído destacando mais a figura do cantor ou cantora principal e toda a plateia, obedecendo os comandos e as palavras de ordem de seus "ministros" de louvor (BERNINI JUNIOR, 2015, s/p).

Cânticos congregacionais referem-se aos hinos mais tradicionais de uma determinada igreja protestante, geralmente impressos em hinários para facilitar o aprendizado e a execução dessas músicas na liturgia dos cultos, promovendo certa uniformidade cultural musical em todas as congregações do mesmo seguimento.

Em geral, são melodias simples, fáceis de decorar, a fim de que a mensagem contida na letra dos hinos penetre fundo na mente dos fiéis e seja repassada para as próximas gerações: “Musicalmente, os cânticos congregacionais são fáceis o suficiente para o povo de Deus cantá-los juntos, e sem dificuldade. Eles são simples e profundos o suficiente para atravessar as barreiras do tempo e do estilo necessárias para servir o Corpo de Cristo” (BIBLE, 2015, s/p).

Constitui-se, principalmente, um momento de unidade da igreja, dos fiéis, onde todos os participantes do culto cantam em uma só voz como um grande coral uníssono. É essa a principal característica do canto congregacional: proporcionar a música, elemento essencial do culto protestante, a todos os fiéis, diferenciando-se de outros momentos musicais do culto ministrados por cantores, grupos musicais ou corais específicos: “O canto não deve ser

²¹ Grupo de músicos responsáveis pelos trabalhos musicais de uma igreja evangélica, composto por cantores, instrumentistas, controladores de sons e outros trabalhos afins.

sempre feito por uns poucos. O mais frequentemente possível, una-se toda a congregação”²². (WHITE, 1909, p. 144).

A música é apontada na Bíblia, pelo próprio Deus, como elemento ritualístico por mais de 400 vezes, sendo assim indispensável na liturgia protestante. Devido ao fato, segundo Bernini Junior (2015), a música, assim como a oração, a leitura pública das Escrituras, a pregação da Palavra e a ministração dos sacramentos, também prescritas por Deus como elementos de culto, devem ser realizadas por toda a congregação.

Nisso se justifica certa preferência pelo canto congregacional por parte dos líderes protestantes mais tradicionais, que apontam esses hinos como os “verdadeiramente espirituais”, devido a sua simplicidade, que segundo eles, proporcionam uma maior concentração ao se louvar a Deus.

Logo, o excesso de ornamentos musicais nesse estilo de hino não é bem-vindo, apesar de que, atualmente, uma vasta produção de arranjos mais complexos tenha sido feita para tentar “sofisticar” os hinos congregacionais. Mas esses novos arranjos são executados, geralmente, apenas em apresentações de orquestras nas igrejas, separadamente do momento tradicional do canto congregacional.

Mesmo com a crescente influência da mídia gospel sobre as igrejas protestantes, os hinos dos hinários congregacionais ainda são tratados como músicas de cunho sagrado, litúrgico, indubitavelmente recebidas por Deus.

Segundo os protestantes mais tradicionais, os sons fortes de instrumentos como a guitarra, bateria, metais, entre outros, associados aos arranjos modernos e ritmos dançantes, podem desviar o fiel do seu objetivo principal que é adorar, homenagear a Deus com o canto, conectar-se espiritualmente com Cristo. O canto congregacional deve então ser livre das “modernidades musicais”. Em certas igrejas, o acompanhamento instrumental durante a execução desses hinos não é necessário ou se faz de maneira suave.

Bernini Junior (2016, s/p) traz uma esclarecedora definição de canto congregacional e de seus fins:

A prática do canto congregacional foi um dos elementos que resgatou a participação de todos os membros da igreja no culto [...]. Na verdade, a ênfase nesta atividade no culto solene concentra-se apenas em cantar. APENAS CANTAR UNIFORMEMENTE. Nada mais pode estar em evidência senão o que está sendo coletivamente cantado. O mais importante no momento em que cantamos é o que professamos ou oramos. Sua atenção deve estar voltada no conteúdo e não nos adornos e arranjos que os instrumentos fazem quando se canta, e, muito menos ainda, a atenção em quem os dirige. Aqui está a essência do que os reformadores propuseram em relação ao culto solene.

²² The singing is not always to be done by a few. As often as possible, let the entire congregation join.

Esse estilo de hino foi criado pelo reformador protestante que, notadamente, mais se interessava por música - Martinho Lutero: “É certo que ele apreciava todas as artes, a pintura, a escultura, a arquitetura. Isto porque ele entendia e enfatizava as expressões artísticas como parte da criação de Deus, uma dádiva de Deus para ser usada na proclamação da Palavra” (EWALD, 2012, s/p). No entanto, Martinho, sempre destacou a música como de suma importância na formação de um cidadão, e a apontava como critério necessário para a admissão dos candidatos a ministros eclesiásticos e a professores.

Figura 19: Martinho Lutero com sua família, cantando e tocando alaúde



Fonte: Disponível em:< <http://ierp.org.ar/noticias/diadelamusica/>>

Como educador que era, Martinho preocupou-se igualmente com a base, com a formação e o ensino. Tinha clareza de que a Música deveria ser uma parte integral da educação das crianças e da formação de professores e ministros e foi inflexível em acentuar essa importante tarefa. Dentre várias das suas falas a respeito, salienta-se: “A necessidade exige que a Música permaneça nas escolas. Um professor deve saber cantar, do contrário não o considerarei. Antes que um jovem seja admitido ao ministério, ele deve praticar música na escola” (Idem).

No prefácio à obra *Symphoniae Iucundae*, de Jorge Rhau (1538), Lutero escreveu:

A música é uma esplendida dádiva de Deus e eu gostaria de exaltá-la com todo o meu coração e recomendá-la a todos. Mas eu estou tão dominado pela diversidade e magnitude de suas virtudes e benefícios que (...), por mais que eu queira exaltá-la, minha exaltação será insuficiente e inadequada (...). Se queres confortar os tristes, aterrorizar os felizes, encorajar os desesperados, acalmar os inquietos ou tranquilizar os que estão tomados por ódio (...) que meio mais efetivo do que a música poderias encontrar?

O poder da música, a influência dela exercida sobre os indivíduos, podia ser usado para difundir o evangelho e fortalecer a fé protestante, segundo as perspectivas de Lutero.

Martinho Lutero tinha por princípio o seguinte conceito: “a música governa o mundo e torna os homens melhores, e com este entendimento, reconheceu o grande poder da música e, a partir de seu movimento reformador, compreendeu a necessidade de os fiéis participarem coletivamente nas cerimônias religiosas” (PRIOLLI, 1985, p. 133).

O canto coletivo, com a participação de todos os fiéis presentes à missa, era muito incomum na Igreja Católica durante a Idade Média. Porém, para Lutero, a participação dos fiéis no momento do louvor era de suma importância, visto que via a música como uma arte que edificaria os fiéis. Era uma maneira de cantar suas súplicas, cantar a mensagem do Evangelho através de textos que expressassem o credo protestante:

Com base nessa particular e profunda perspectiva, Lutero iniciou, sem meios termos, a ‘sacudida’ mais completa que a música sacra já recebera, ou seja, estabelecer o canto comunitário como ingrediente vital do culto, colocando a música nos lábios e nos ouvidos das pessoas e, conseqüentemente, nos seus corações e na sua estima. (...) Assim Lutero o fez, porque estava convicto que não era suficiente que as pessoas estivessem apenas presentes às missas (cultos), mas as suas súplicas deveriam ressoar dos seus próprios lábios por meio de canções que pudessem traduzir o arrependimento e a contrição das suas almas e a sua fé e o seu louvor irromperem jubilosos em canto e música (EWALD, 2012, s/p).

Tudo isso de maneira coletiva, promovendo a unidade da igreja, uma maior integração entre os congregados. Nessa linha de pensamento percebe-se que o canto congregacional, além de ser direcionado a Deus como adoração, como clamor do Corpo de Cristo²³, também serve para fomentar o amor ao próximo, ultrapassando as paredes dos templos, influenciando na vida cotidiana do fiel, na construção de um ser que não se importa apenas consigo mesmo, mas que enxerga o seu semelhante com compaixão, com amor:

Em resposta ao maior mandamento do Senhor, de amar o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento (BÍBLIA, Mt 22: 37) o cântico congregacional promove a adoração não somente nos cultos públicos, mas em cada aspecto da vida diária. Os hinos produzem fé, vida santificada e serviço cristão. O canto congregacional também dá importância ao segundo grande mandamento de Cristo: Ama o teu próximo como a ti mesmo (BÍBLIA, Mt 22: 39). Para cumprir o seu propósito, o canto congregacional flui do culto para as nossas vidas diárias (BIBLE, 2015, s/p).

O texto dos cânticos congregacionais, muitos deles escritos pelo próprio Lutero, expressavam a fé, a nova teologia luterana de uma forma fácil de assimilar, visto que os hinos foram compostos na língua local, alemã, o que facilitava o aprendizado por parte dos fiéis:

Não há dúvidas de que um dos maiores aportes de Lutero foi o seu entendimento de que a música da Reforma deveria falar sobre o Evangelho diretamente para as pessoas. Ele estava convicto de que o tipo de hino que uma congregação canta

²³ Expressão cristã, principalmente protestante, que se refere à igreja como um todo, fazendo alusão ao texto de 1 Coríntios 12. Outras expressões utilizadas para o mesmo fim são “Noiva de Cristo”, “Povo de Deus”, “Eleita do Senhor”, entre outras.

determina o tipo de Teologia/espiritualidade destas pessoas. Caso se queira que esta Teologia/espiritualidade reflita o Evangelho, então, há que se ter em alta consideração e se cuidar muito bem daquilo que está sendo cantado pelas pessoas (EWALD, 2012, s/p).

Em pouco tempo os cânticos luteranos se espalharam pela Alemanha, carregando consigo a mensagem evangelística professada por Martinho Lutero. Deste modo, o canto congregacional também exerceu um importante papel de difusor da fé protestante, de uma nova doutrina. Aqui vemos o canto congregacional com a função de validação dos ritos religiosos conforme descreve Merrian (1964): é a música ditando o que é adequado e o que é inadequado, como agir e como não se deve agir.

Os hinos de Lutero, cantados nas igrejas por todos os fiéis, impregnavam as crenças protestantes na cabeça dos congregados, melhor, até, que os sermões: “Se interpretarmos que o aprendizado oral é algo que ouvimos várias vezes e da mesma maneira, então o canto é um dos meios mais eficazes para memorizar os conteúdos teológicos e doutrinários da instituição eclesiástica” (CARVALHO, 2015, p. 04).

Os cânticos congregacionais tiveram uma forte influência da música da Idade Média, principalmente das músicas seculares, como madrigais e outras canções populares. Lutero claramente usou algumas melodias já conhecidas da cultura alemã na composição dos primeiros hinos congregacionais, evidenciando que seu maior objetivo era difundir as doutrinas protestantes através dessas melodias, algumas de cunho folclórico, sem levar em consideração suas origens “profanas”. Uma estratégia bem sucedida, que deu grande repercussão ao credo luterano.

Lutero, o reformador, soube se utilizar de todos os variados estilos predominantes na época. Se olharmos para alguns dos nossos hinos e que são de autoria do reformador, veremos a plena influência da música na qual esteve inserida. Transformar melodias populares em grandes obras da música litúrgica era o que Lutero mais amava fazer (BERWALD, 2014, s/p).

Grosso modo, essas melodias eram adaptadas ao estilo do canto gregoriano, muito apreciado por Lutero, para se adequarem a serem cantados por um grande coral em uníssono. Para evidenciar a também influência do canto gregoriano na formação desses hinos, é importante destacar que alguns deles foram inspirados em melodias de cânticos gregorianos, como é o caso de um dos mais famosos hinos de Lutero, “Ein Feste Burg ist unser Gott” (Um Castelo Forte é o Nosso Deus):

Uma poderosa fortaleza é o nosso Deus,

Boa defesa e armas de ataque;
Ele nos ajuda a libertar de toda a angústia

Que a nós tem agora afetado.
 O velho inimigo, o mal,
 Agora significa desgraça mortal,
 Ele tem poder grande e é muito esperto,
 Sua defesa é cruel,
 Na Terra não há igual.

Com o nosso poder nada pode ser feito,
 Estamos muito perto de perder;
 Mas, há um Homem certo para esta disputa,
 A quem o próprio Deus elegeu.
 Pergunta você: “Quem é este?”
 Seu nome é Jesus Cristo,
 O Senhor dos Exércitos.
 E não há nenhum outro Deus,
 Ele manterá o campo.

E se o mundo estiver cheio de demônios
 Que nos querem devorar,
 Não tenhamos, portanto, tanto medo;
 Teremos sucesso ainda.
 O príncipe deste mundo,
 Quão terrível se faz,
 Porém ele não poderá fazer nada,
 Pois já está julgado,
 E uma pequena palavra pode derrubá-lo.

A Palavra ainda ficará,
 Permaneçamos gratos por ela;
 E Ele estará à vontade sobre a situação,
 Com seus dons e o Espírito.
 Que levem o nosso corpo,
 Os bens, a fama, crianças e esposa;
 Pois embora tudo isso vá,
 Eles não têm nada a ganhar,
 Mas o Reino será nosso.

O hino traz uma das mais belas obras de Lutero que atravessou o tempo e continua sendo entoada nas Igrejas Protestantes até os nossos dias. Um Castelo Forte é o Nosso Deus foi mais tarde considerado pelo poeta Christian Johann Heinrich Heine (1797-1856), como a “Marselhesa da Reforma”, aludindo ao Hino Nacional da França.

A princípio essas músicas foram impressas em folhas de papel comum e repassadas para os habitantes das cidades alemães durante as viagens missionárias de Lutero. Mais tarde foram impressas em um hinário, que logo ficou conhecido em toda a Alemanha. A popularidade do hinário era tão forte que, segundo Ewald (2012), os líderes católicos diziam que os hinos de Lutero lhes causavam mais problemas do que seus próprios sermões. Era o hinário “Erfurt Euchiridion”, o primeiro hinário de cântico congregacional protestante.

Vale lembrar que a música congregacional protestante, que consiste em melodias simples, fáceis de decorar e sem grandes ornamentos musicais, não foi o único estilo de hino

admitido por Lutero na Igreja Reformada. Amante da polifonia, Martinho sempre primou também por músicas de caráter mais “erudito”:

O protestantismo mundial gerou infinitas possibilidades de produção musical que colaboraram com o campo da estética musical. As contribuições do protestantismo se deram tanto no contexto erudito quanto no popular. As cantatas, os corais, os prelúdios e os hinos são alguns exemplos dessa produção (DOLGHIE, 2002, p. 83).

Deste modo, entende-se que o cântico congregacional sempre dividiu espaço na Igreja Protestante com hinos de outros estilos musicais, o que permite ressaltar que nem todos os hinos entoados em uma determinada congregação são congregacionais²⁴.

Outros seguimentos protestantes surgiram mais tarde, a exemplo do Calvinismo²⁵ e do Puritanismo²⁶, que deram origem a Igreja Presbiteriana, a Igreja Batista, a Igreja Metodista e as Igrejas Congregacionais. Essas igrejas influenciariam, mais tarde, na formação dos hinários congregacionais das Igrejas Protestantes no Brasil.

3.2 Todos juntos nas congregações do Brasil

No Brasil, depois de diversas tentativas frustradas de se estabelecer o Protestantismo, somente no século XIX, com o crescente sentimento evangelístico-pietista das igrejas protestantes americanas e europeias, missionários oriundos de um movimento denominado de Ecumenismo moderno, conseguem de fato estabelecer a Primeira Igreja Protestante no Brasil:

Há mais de um século, igrejas protestantes da Europa iniciaram um movimento que se convencionou chamar de ecumenismo moderno [...] Esse movimento surge na época em que sociedades missionárias protestantes dos Estados Unidos da América e da Europa levavam adiante ações missionárias proselitistas iniciadas, sobretudo no século XIX, na onda de expansão colonial, política, econômica e cultural de países de tradição protestante nas sociedades que tinham sido anteriormente colonizadas por potências de tradição católica, como na América Latina (GONÇALVES, 2011, p. 11).

O movimento Ecumenista que, entre outras coisas, visava expandir a fé protestante em países colonizados por católicos, amenizou as “intrigas” decorrentes das diferenças

²⁴ Outras nomenclaturas dadas aos Cânticos Congregacionais são: Cantos congregacionais; Hinos congregacionais e Cânticos comunitários.

²⁵ Movimento surgido a partir da doutrina de João Calvino, reformador protestante que se baseou no pensamento de Martinho Lutero.

²⁶ Movimento britânico do final do século XVI que reivindicava profundas mudanças na igreja Anglicana baseadas na teologia calvinista.

teológicas entre os diversos seguimentos protestantes. Em suma, eles estavam unidos contra um “inimigo” comum: a Igreja Católica.

Essa “união” das Igrejas Protestantes em prol do evangelismo missionário favoreceu certo sincretismo protestante no Brasil da segunda metade do século XIX, de modo que havia certa dificuldade em definir as diferentes doutrinas protestantes no país.

Esse protestantismo, que se firmou no Brasil a partir de 1850, pode ser chamado de “Protestantismo de Missão”. O único “inimigo” - o catolicismo, propiciou um clima de interdenominacionalismo, favorecendo cultos e teologias mais uniformes (DOLGHIE, 2002, p. 99).

Em meados do século XIX já havia alguns protestantes estrangeiros no Brasil, professando sua fé. No entanto, os missionários enviados, principalmente dos Estados Unidos, eram oriundos de diversas igrejas protestantes americanas influenciadas por movimentos aflorados depois do “Grande Despertar”, todos com ênfase no evangelismo:

Unidos no intuito de expurgar o demônio do catolicismo, esses missionários implantaram no Brasil um protestantismo interdenominacional (...) e a ênfase no evangelismo gerou a perpetuação de um culto que tinha por centralidade o apelo ao arrependimento e a conversão à nova religião. Dessa forma, assim como era a teologia trazida pelos missionários (...) também era música entoada congregacionalmente (Idem).

Os missionários vindos para o Brasil percorriam o território nacional convidando o povo ao arrependimento com suas pregações emocionantes, realizando cultos públicos em praças ou em outros polos atrativos das cidades. No entanto, segundo Dias (2003, p. 14): “Os primeiros missionários a aportarem no Brasil (1855) com o objetivo de estabelecer igrejas protestantes foram os congregacionais²⁷, como o missionário escocês Robert Reid Kalley²⁸ que, juntamente com a sua esposa Sarah Kalley²⁹, fundou a Igreja Congregacional no Brasil.

É pertinente salientar que o casal Kalley, apesar de sua naturalidade europeia, foram enviados ao Brasil como missionários pelos Estados Unidos, tendo tido contatos com o movimento evangelístico e pietista, muito fortes nas igrejas americanas.

²⁷ Seguimento Protestante cuja principal característica está na autonomia de seus templos. Apesar de seguirem uma mesma doutrina baseada na união da igreja que adora e segue os ensinamentos de Cristo, as congregações deste seguimento são independentes, de modo que não há uma organização ou entidade que as coordenem, cada templo é responsável pela sua própria teologia.

²⁸ Juntamente com sua esposa Sarah Kelley fundou a primeira Igreja Protestante no Brasil. Médico missionário, Robert percorreu alguns lugares do mundo movido pelo sentimento evangelístico. No Brasil, atuou, principalmente, na região do Rio de Janeiro onde fundou a primeira de muitas igrejas que surgiriam a partir de seus trabalhos missionários.

²⁹ Pianista, pintora, poetisa e poliglota, Sarah dedicou sua vida às atividades missionárias. Ao lado de seu esposo, Sarah contribuiu de maneira significativa na difusão da fé protestante no Rio de Janeiro, principalmente, através da música.

Após terem fundado a primeira Igreja Protestante no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, Sarah Kelley desenvolveu diversos trabalhos missionários, inclusive pedagógicos, e usava a música para ensinar a teologia protestante.

Figura 20: Sarah Kelley



Fonte: Disponível em:

<http://www.luteranos.com.br/_arquivos/201207/big_5ad1e2f73c4a7dc75eefda1e971bbf14.jpg>

Musicista, Sarah começa a selecionar hinos protestantes americanos e europeus, no intuito de traduzi-los para a língua portuguesa, a fim de criar um hinário congregacional para ser usado nas recém-fundadas igrejas do Brasil.

Pensa-se que a familiaridade com os hinos americanos, decorrente do tempo que residiu nos Estados Unidos, e a hinódia europeia que fez parte da sua infância e adolescência, contribuiu para a escolha deste repertório. Além disso, alguns hinos que compoariam este hinário eram de autoria da própria Sarah.

O trabalho de seleção, tradução, adaptação e criação duraram cerca de seis anos:

Mas, nesse trabalho, Sarah não se preocupava com a originalidade musical, ou, em outras palavras, poderíamos dizer que não havia nela qualquer preocupação estético-musical, mas sim referencial. Portanto, seus poemas eram “encaixados” em melodias já existentes, obviamente europeias e americanas, e, até mesmo, algumas traduções foram colocadas em melodias diferentes das compostas originariamente. Dessa forma, o trabalho que durou aproximadamente seis anos, resultou na

coletânea do primeiro hinário protestante no Brasil, os Salmos e Hinos (DOLGHIE, 2002, p. 99).

Em 1861 saiu a primeira edição do “Salmos e Hinos”, o Primeiro Hinário Protestante do Brasil, fruto do trabalho de Sarah Kelley, seu maior legado para o protestantismo brasileiro.

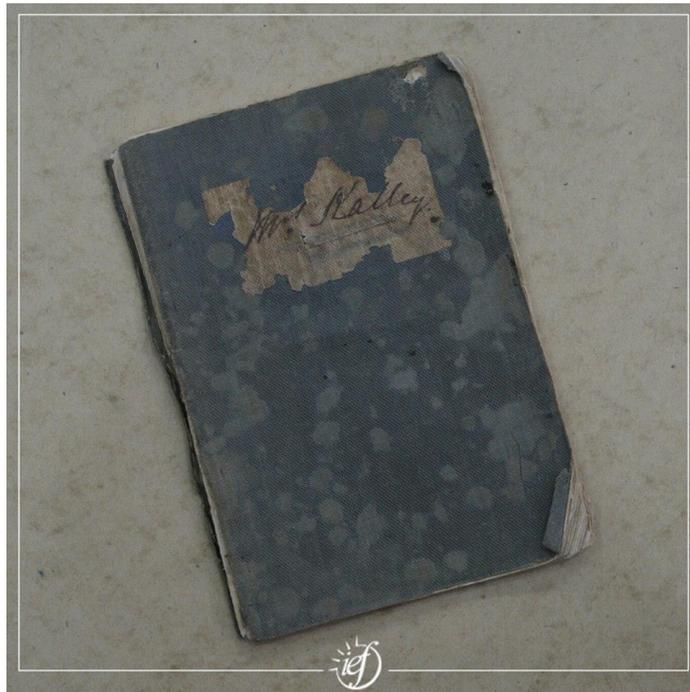
Aspectos oriundos desse sincretismo protestante são facilmente identificados tanto nas melodias quanto no texto dos hinos deste hinário. Mendonça (1995, p. 223) faz uma breve análise do hinário “Salmos e Hinos” enfatizando elementos provenientes de diversos movimentos eclodidos depois do “Grande Despertar”:

Na grande maioria dos hinos cristológicos está implícita a teologia do ‘amor de Deus’, central nos movimentos de avivamento³⁰. (...) Cerca de setenta cânticos se referem à penitência (confissão de pecados) e ao convite ao pecador para a conversão. Mais de 130 referem-se ao sacrifício expiatório na cruz (morte de Deus Filho), acentuando o teor dramático (...) muito coloridos e adocicados pelo espírito pietista da exacerbação do sofrimento físico e moral de Cristo, seus ferimentos, sangue e pelo quase erotismo no tratamento de temas como amizade e amor íntimos com Jesus (amante, esposo, esposa, gozo, etc.). Os temas de vida futura (céu, vida no além, negação do mundo) são enfatizados em cerca de cem cânticos. Outra coisa que surpreende é que o tema crucial do cristianismo que é a ‘ressurreição’, ainda mais em se tratando de uma religiosidade essencialmente cristológica, ocupa um espaço relativamente pequeno: cerca de dez cânticos. Nota-se, por fim, um extremo individualismo: a maioria absoluta dos cânticos é disposta na primeira pessoa do singular. Não se sente o coletivo, o sentido de povo como predominante.

A primeira edição tinha 50 hinos, mas esse número foi aumentando a cada nova edição. Obviamente, a análise do hinário feita por Mendonça, no livro “O Celeste Porvir”, do referido hinário, foi de uma edição posterior, com um maior número de hinos:

³⁰ Movimentos que se deram nos Estados Unidos no período de 1740 a 1800, tinham sempre o propósito de por em destaque, trazer à tona, algum aspecto bíblico que não estava sendo praticado, a exemplo, principalmente, do amor ao próximo, da compaixão pelas almas sem salvação. Esses movimentos, não necessariamente se tornavam Igrejas, mas, sim, influenciavam grande parte delas.

Figura 22: Terceira edição do hinário Salmos e Hinos



Fonte: Disponível em: <<http://piecmesquita.blogspot.com.br/2015/11/154-anos-do-nosso-hinario-salmos-e-hinos.html>>

Esse sincretismo também favoreceu o uso do “Salmos e Hinos” em diversas denominações protestantes que se instalaram no Brasil. Posteriormente, o “Salmos e Hinos” serviu como base para a criação de outros hinários, como o “Cantor Cristão”, da Igreja Batista e a “Harpa Cristã”, da Igreja Assembleia de Deus.

3.3 Todos juntos com a Harpa Cristã

No início, bem como na maioria das Igrejas Protestante do Brasil da época, a Assembleia de Deus usava o “Salmos e Hinos” como hinário de cântico congregacional. Segundo Mendonça (1995, p. 192) esse hinário “representa o mais significativo repositório da fé protestante no Brasil. É um compêndio de teologia para ser cantado”:

Nos primeiros anos da década de 1910, no início das atividades da Igreja Missão de Fé Apostólica, os missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg não contavam com um hinário em língua portuguesa que pudesse refletir as condições doutrinárias de sua nova igreja. Numa tentativa urgente de saneamento dessa necessidade, a exemplo de outras denominações, adotaram o hinário “Salmos e Hinos” (BERNINI JÚNIOR, 2011, p. 41).

Todavia, apesar de suas belíssimas melodias e de seus textos com mensagens teológicas protestantes, que se encaixavam na doutrina Assembleiana, “os pioneiros sentiram

a necessidade de um hinário que também enfocasse as doutrinas pentecostais” (CPAD, 2011, s/p). Um hinário que também contivesse em seus textos as peculiaridades que caracterizavam a fé pentecostal.

Nessa perspectiva, os líderes da Igreja começaram a organizar um hinário baseado no caderno de hinos particular de Gunnar Vingren, composto de 24 hinos, 10 com letra em inglês e 14 com letra em sueco.

Figura 22: Caderno de hinos de Gunnar Vingren



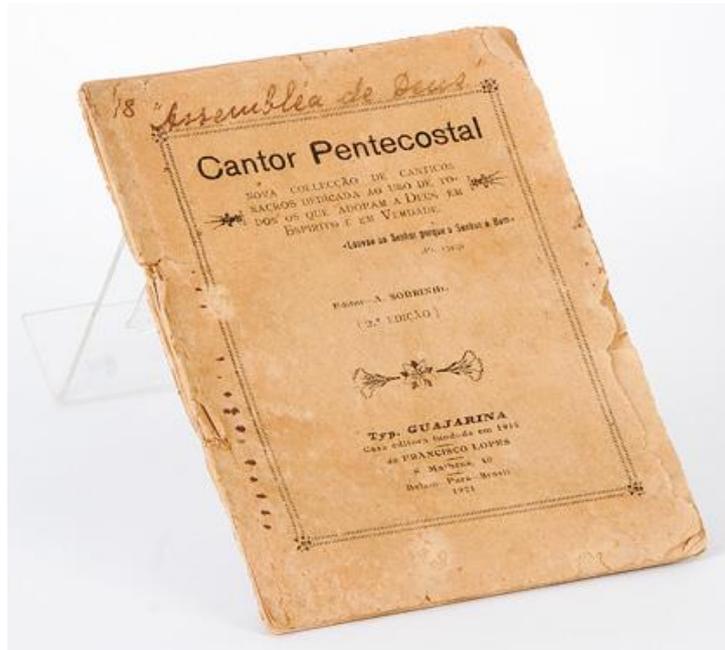
Fonte: Disponível em: < <http://www.harpacrista.com.br/historia.php?i=3>>

Mais tarde o caderno deu origem ao hinário “Cantor Pentecostal”, o primeiro hinário da Assembleia de Deus. O nome parece aludir ao nome do hinário “Cantor Cristão”, da Igreja Batista, de onde o grupo de irmãos que formaram a Assembleia de Deus era dissidente:

Em virtude dessa premência, foi lançado, em 1921, o Cantor Pentecostal. Impresso pela tipografia Guajarina, sob a orientação editorial de Almeida Sobrinho³¹, tinha o pequeno hinário 44 hinos e 10 corinhos. O Cantor Pentecostal foi distribuído pela Assembleia de Deus de Belém do Pará que, naquela época, achava-se localizada na Travessa 9 de janeiro, nº 75 (Idem).

³¹ Um dos pioneiros do Movimento Pentecostal que deu origem à Assembleia de Deus.

Figura 23: Hinário “Cantor Pentecostal” da Assembleia de Deus



Fonte: Disponível em: <<http://www.harpacrista.com.br/historia.php?i=3>>

Com a expansão da Assembleia de Deus, principalmente pelo Nordeste, houve a necessidade de um hinário que fosse distribuído por todas as partes do Brasil em que a Assembleia já houvesse se instituído. Assim, o Pastor Adriano Nobre³² reorganizou o hinário que passou a ter cerca de 100 hinos, e o publicou em 1922, na cidade de Recife, Pernambuco, desta vez com o nome de “Harpa Cristã”, com a finalidade de se estabelecer como hinário congregacional oficial das Assembleias de Deus de todo país.

A segunda edição da Harpa Cristã, publicada em 1923, já era composta pelo triplo do número de hinos da primeira. Em 1932 a terceira edição foi publicada com 400 hinos. Concernente à inserção de novos hinos a cada edição publicada, Conde (2000, p. 50) comenta que esse notório crescimento sempre foi acompanhado, conduzido, pela liderança da Igreja.

Grande parte dos hinos inseridos na Harpa Cristã são traduções de canções americanas, algumas oriundas de hinários pertencentes à cultura protestante dos Estados Unidos, a exemplo do hinário Best of All e do Gospel Hymns, outros foram retirados do hinário brasileiro Salmos e Hinos, de Sarah Kelley, com algumas adaptações concernentes ao texto, para melhor se adequarem à teologia pentecostal. Vale lembrar que a maioria dos hinos contidos no Salmos e Hinos já eram traduções de hinos americanos ou europeus.

³² Missionário assembleiano enviado do Pará para Pernambuco, onde foi o fundador do seguimento no referido Estado. Nobre era fluente na língua inglesa e foi tradutor de alguns hinos que compõem o hinário Harpa Cristã.

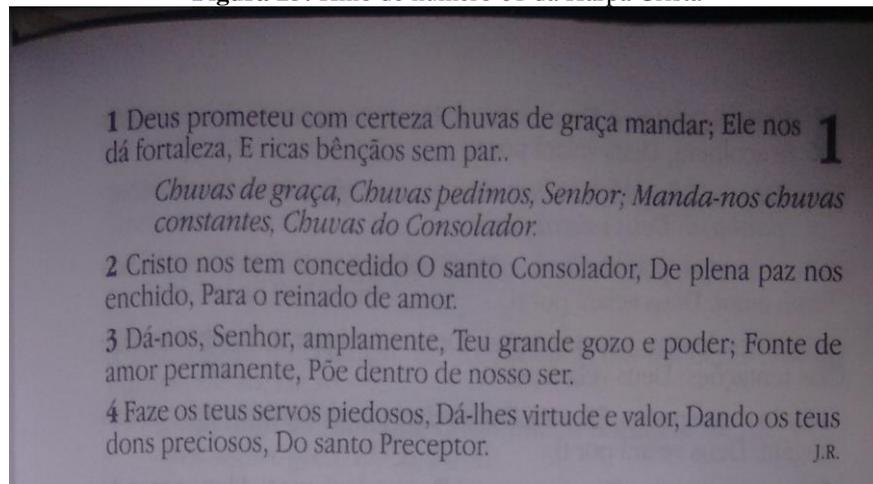
Figura 24: Segunda edição do hinário Harpa Cristã



Fonte: Disponível em: <<http://www.harpacrista.com.br/historia.php?i=4>>

O hino de número 01 da Harpa Cristã, intitulado como “Chuvas de graça”, original “There Shall be Showers of Blessing”, composto pelo norte-americano Daniel Webster Whittle, traduzido e publicado no hinário “Gospel Hymns”, foi primeiramente traduzido por Salomão Luiz Ginsburg, para ser inserido na quarta edição do hinário “Salmos e Hinos”. Posteriormente, foi inserido na Harpa Cristã com algumas adaptações no texto feitas por José Rodrigues³³ (J. R.). Só nesta canção temos a participação de quatro indivíduos, se contarmos com James McGranahan, autor da melodia. Porém, somente as iniciais de José Rodrigues são encontradas no final do texto do hino.

³³ Tradutor de alguns hinos contidos na Harpa Cristã. Pouco se sabe sobre sua vida, devido à falta de registros históricos. Acredita-se, no entanto, que o mesmo teria auxiliado os missionários suecos como intérprete em algumas ocasiões.

Figura 25: Hino de número 01 da Harpa Cristã

Fonte: Acervo pessoal do autor.

O mesmo ocorre com diversos hinos da Harpa Cristã. Somente o tradutor leva o crédito da canção. Devido a este fato, boa parte dos Assembleianos, atualmente, atribui a autoria dos hinos da Harpa às pessoas que apenas traduziram as canções para o português.

O pastor Paulo Leivas Macalão³⁴, por exemplo, é famoso por ter sido o maior compositor da Harpa Cristã, devido ao grande número de hinos que levam suas iniciais no referido hinário. No entanto, Macalão, foi, na verdade, um grande tradutor de hinos. Em “parceria” com Samuel Nyström³⁵, traduziu diversos hinos da hinódia escandinava que foram inseridos na Harpa Cristã:

O missionário Samuel Nyström, personagem importante na história da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, muito contribuiu na elaboração dos hinos para o repertório da Harpa Cristã. Mas tinha uma dificuldade relevante para produzir seu trabalho. Como não possuía perfeito conhecimento da língua portuguesa, traduziu literalmente diversas letras da hinódia escandinava, mas, a tradução literal não contribuía para uma perfeita harmonia entre a letra e a música do hino a ser formado. Desta forma, para que os poemas fossem adaptados às suas respectivas músicas, foi necessário que o pastor Paulo Leivas Macalão empreendesse semelhante tarefa. Por este motivo, o pastor Macalão, fundador do Ministério de Madureira, tornou-se o principal “compositor” e adaptador do hinário oficial da Igreja Assembleia de Deus (BERNINI JÚNIOR, 2011, p. 49).

Percebe-se, também, com isso, a forte influência da cultura escandinava, além da americana, nos hinos da Harpa Cristã. Entretanto, outros países europeus também influenciaram na formação destes hinos, dentre os quais também se destaca a Suécia, país de

34 Conhecido principalmente por ser o fundador da Assembleia de Deus do Ministério Madureira, primeira grande cisão dentro da Assembleia de Deus.

35 Um dos pastores pioneiros da Assembleia de Deus. Em 1924 assumiu a liderança da Igreja em Belém. Posteriormente, no Rio de Janeiro, em 1948, se tornou o pastor presidente da convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.

origem de Gunnar Vingren, dono do caderno de hinos, de maioria sueca, que deu origem a Harpa Cristã e sua esposa Frida Vingren³⁶, tradutora de alguns dos hinos mais queridos da Harpa Cristã.

Figura 26: Frida Vingren



Fonte: Disponível em: < <http://amorim.pro.br/?p=541> >

Frida foi uma mulher à frente do seu tempo. São incontáveis os feitos desta pioneira em benefício da Assembleia de Deus, como missionária, escritora, enfermeira, etc. Frida foi muito criticada por ser uma mulher compondo a liderança de alguns trabalhos da Igreja, fato que causava indignação em alguns pastores, a exemplo de Samuel Nyström, que justificava que a presença de mulheres na liderança da Igreja não tinha respaldo bíblico. Apesar de ser muito criticada, defendia com veemência a importância do trabalho da mulher nas Igrejas em seus artigos publicados no jornal “Som da Alegria”. Juntamente com seus artigos, Frida, costumeiramente publicava traduções de canções da hinódia sueca, muitas delas incorporadas a Harpa Cristã no decorrer do tempo, em novas edições.

³⁶ Frida dedicou sua vida à obra missionária, ao lado de seu esposo Gunnar. Mas passou muito tempo esquecida pela História da Assembleia de Deus, pelo fato de ser mulher. Na verdade, ela contribuiu de forma significativa nos primeiros anos da Assembleia de Deus tal como os demais missionários. Ficou conhecida principalmente pela sua luta em prol dos direitos da mulher na Assembleia de Deus.

Em 1955, então com 524 hinos, a Harpa Cristã começou a ser impressa pelas Casas Publicadoras da Assembleia de Deus - CPAD³⁷, como ainda é até os dias atuais. Em 1999 foi lançada a última edição da Harpa Cristã, com o acréscimo de 116 hinos. Dentre estes foram adicionados alguns hinos pátrios, a exemplo do Hino Nacional Brasileiro, a fim de atender as cerimônias específicas, resultando num total de 640 hinos destinados às diversas cerimônias praticadas na Assembleia de Deus:

Tendo em vista as necessidades de nossa igreja, a CPAD, sob a direção executiva de Ronaldo Rodrigues de Souza, compreendeu ser urgente a ampliação da Harpa Cristã tradicional. Foram acrescentados mais 116 hinos a fim de atender a todas as exigências cerimoniais e litúrgicas da igreja (Idem).

No Estado do Pará, conhecido por ainda manter o tradicionalismo primordial do seguimento, o uso dos hinos da Harpa Cristã na liturgia dos diversos tipos de cultos e cerimônias ainda permanece praticamente como no início.

3.4 Todos juntos nas cerimônias com seus respectivos hinos

Além dos diferentes tipos de culto, algumas cerimônias fogem a liturgia já descrita nesta seção. Em geral, além dos cultos existe a cerimônia da Santa Ceia, a cerimônia Fúnebre, e a cerimônia Batismal, mencionadas no índice dos assuntos da Harpa Cristã, na parte intitulada de “A Igreja e suas reuniões”, com exceção da cerimônia fúnebre. Sobre esta o pastor Samuel Alcântara, de Traquateua-PA, em entrevista realizada em 2015, relata:

Eu não sei por que não se indica os hinos de um velório na Harpa Cristã, talvez seja por causa da polêmica, alguns irmãos interpretam que os hinos cantados em uma cerimônia fúnebre são para o morto, mas isso não é verdade, os hinos da Harpa sempre exaltam a Deus, no entanto os hinos usados para esse trabalho servem, em segundo plano, para confortar os familiares e amigos que estão sofrendo a perda de um ente querido. Mas olha, havia uns manuais de cerimônias, antes, que indicavam como proceder em diferentes situações na Igreja, e até indicavam os hinos, inclusive para os cultos fúnebres, antigamente se chamava assim. É daí que vem esse costume de cantar hinos específicos para os velórios, mas esses manuais foram se perdendo no tempo, a CPAD nem fabrica mais. Mas hoje em dia os pastores estão se tornando tudo teólogo, né? (risos) nem precisam mais.

Assim, existem diversos hinos na Harpa Cristã que foram compostos ou simplesmente se convencionou usá-los para determinadas cerimônias, cumprindo sua função

³⁷ Editora Oficial da Assembleia de Deus, responsável pela impressão e publicação de livros, revistas, Bíblias, entre outros artigos religiosos, inclusive a Harpa Cristã.

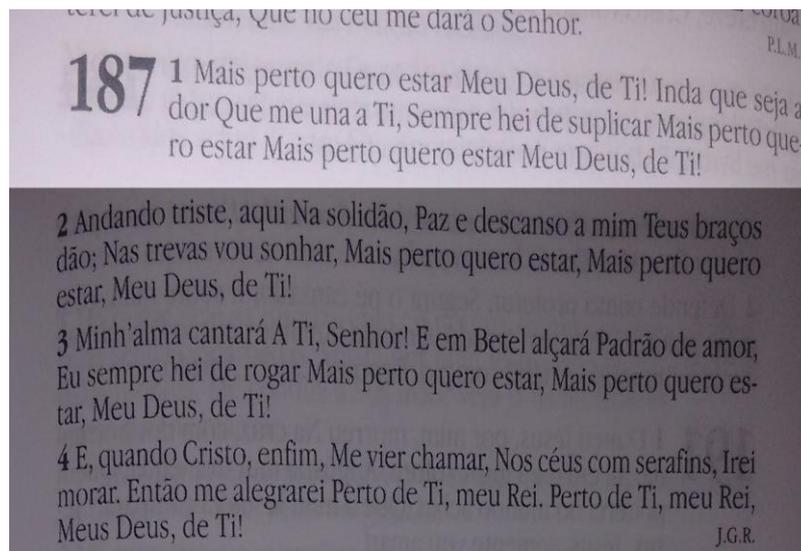
simbólica, segundo Merrian (1964): seja pela letra, pelas sensações que causa nos fiéis ou pelos diversos aspectos que atravessam essa prática musical.

3.4.1 A Cerimônia Fúnebre

“Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vô-lo teria dito; vou preparar-vos lugar” (BÍBLIA, Jo 14:2). A descrição desta cerimônia não pode ser exata, visto que seu andamento depende muito da vontade dos familiares do fiel, mas, em geral, ela começa com uma oração que anuncia o início da cerimônia: “Ao ser dado ordem pelos familiares que se proceda à cerimônia, o ministro, reconhecendo a soberania de Deus, pedirá que Ele abençoe o culto que está sendo celebrado, e de igual forma console os familiares do irmão(ã)” (MARTINS, 2011, s/p). Posteriormente, o pastor faz uma leitura bíblica seguida de uma pregação, uma mensagem confortante direcionada, principalmente, para os familiares. Os hinos da Harpa Cristã são entoados depois da mensagem. Entre um hino e outro o pastor pode chamar alguns dos familiares ou amigos que queiram falar algo em memória do ente querido. Tudo isso de acordo com o consentimento dos familiares. Em seguida o pastor conduz o cortejo onde mais hinos da Harpa Cristã são entoados, até chegar ao cemitério. Ali, o pastor diz mais algumas palavras de conforto, refere-se ao morto lembrando suas qualidades, ressaltando sempre que Deus o chamou para estar com ele. Comumente, na Assembleia ao se referir a um fiel que já morreu se diz “ele já dorme no SENHOR”. Por fim, enquanto o caixão desce a cova, outro hino da Harpa é entoado pelos fiéis. Após isso o pastor faz uma oração final e despede a todos.

Apesar do Hinário Harpa Cristã não indicar em seu índice de assuntos os cânticos mais apropriados para este fim, os hinos de número 2, 4 e 187 tradicionalmente são cantados nas cerimônias fúnebres.

Figura 27: Hino da Harpa Cristã, nº 187, Mais perto, meu Deus, de Ti



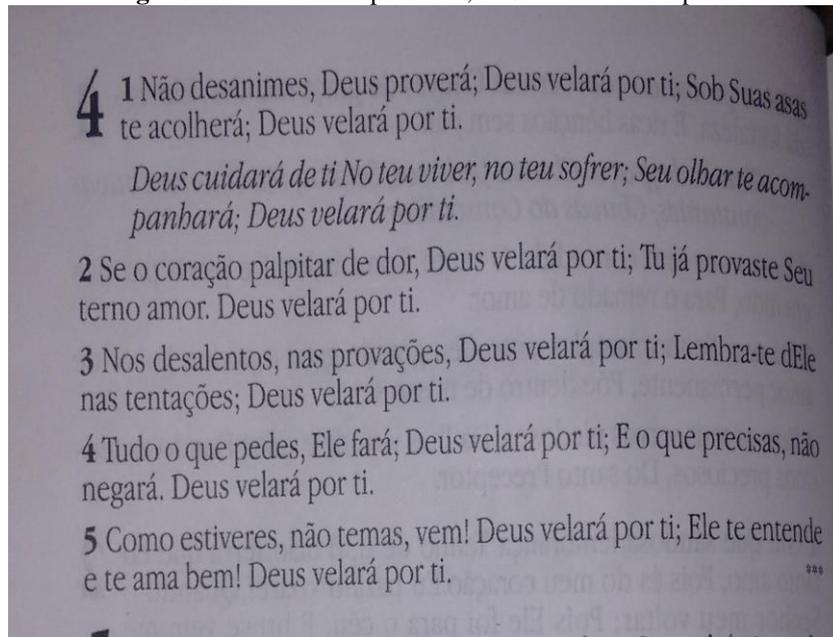
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Apesar do Hino 187, ser, também, cantado em outras ocasiões, traz uma “atmosfera triste”, sobretudo, na sua primeira frase “Mais perto quero estar, meu Deus de Ti, ainda que seja a dor que me una a Ti”, que transmite uma “sensação de morte”, alguém que se aproxima de Deus por meio da dor, essa dor é interpretada como a dor da morte pela comunidade. Provavelmente não foi essa, ou apenas essa, a ideia que o autor quis passar, no entanto, outro fato que dá a este hino um “tom” mais fúnebre é o de ter sido tocado pela orquestra do Titanic, antes dele afundar ou enquanto afundava, segundo alguns relatos de testemunhas que sobreviveram ao desastre:

Contudo não é possível dizer que a canção foi ou não a última tocada por aqueles músicos, dirigidos por Wallace Hartley, que acabaram morrendo. Uma das testemunhas que se salvou chegou a testemunhar que ouviu o hino antes dele abandonar o barco, sendo salvo por um dos botes. Sendo assim não dá para afirmar que essa foi a última canção tocada por eles (LOPEZ, 2012, s/p).

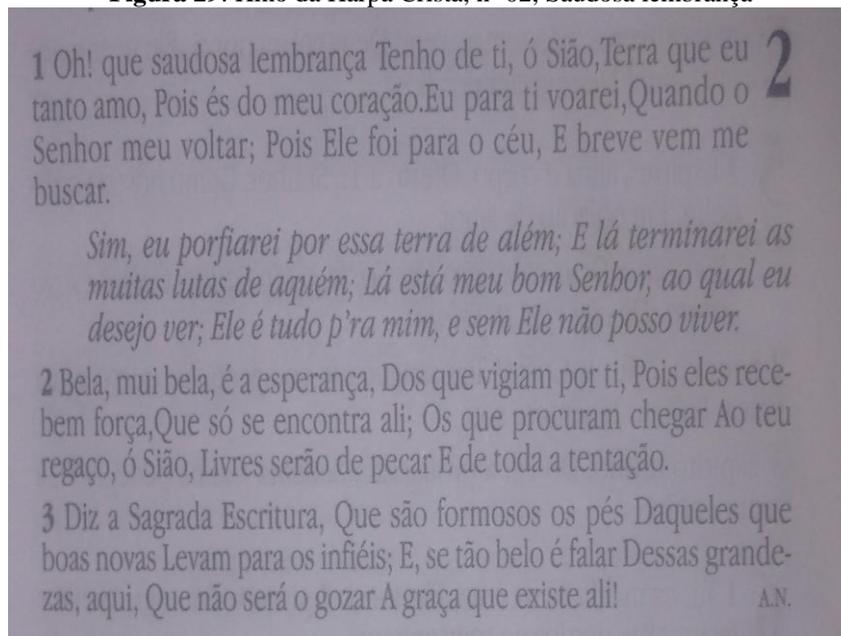
O fato é que o hino se tornou o tema da tragédia do Titanic, muito antes de “My heart will go on”, e se eternizou como um hino que lembra não um romance, e sim as vidas que foram perdidas no desastre.

O hino de número 4, intitulado “Deus velará por ti”, traz uma mensagem de conforto para a família do falecido. Em um momento tão difícil, o hino incentiva a não desanimar, e mostra Deus como consolador, que cuida, que vela, independente das circunstâncias.

Figura 28: Hino da Harpa Cristã, nº 04. Deus velará por ti

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Esse hino é muito característico nessas cerimônias. Devido a isso, não é comum a execução deste nos demais cultos. O mesmo acontece com o hino de número 02, “Saudosa lembrança”, evitado ao máximo de ser cantado em outros cultos da Igreja.

Figura 29: Hino da Harpa Cristã, nº 02, Saudosa lembrança

Fonte: Acervo pessoal do autor.

O hino “Saudosa lembrança” tem uma temática muito parecida com os demais hinos cantados nas cerimônias fúnebres, com exceção de retratar, também, o outro lado da vida, ovacionando a cidade prometida a aqueles que se manterem fieis até o fim, isso conforta os familiares e amigos, pois passa a ideia de que ele está em um lugar melhor³⁸. No entanto, os demais hinos com esta temática são comumente cantados em outras ocasiões. Talvez o que o torne diferente dos demais hinos de mesmo cunho seja o refrão, narrativa de alguém que expressa o seu desejo em findar as lutas aqui desta terra e lá, na cidade prometida, denominada no hino de Sião, encontrar o bom Jesus a quem ele tanto ama.

3.4.2 A Cerimônia Batismal

“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém” (BÍBLIA, Mt 28: 19-20).

O Batismo simboliza a inserção oficial de novos membros nesta Igreja. Mesquita (2012 s/p) explana sobre o Batismo na Assembleia de Deus:

Batismo forma, com a Ceia do Senhor, as duas Ordenanças, que o Senhor preestabeleceu à Igreja. Ele indica a iniciação do crente nas fileiras cristãs. Ele é símbolo de sepultamento, da morte do velho homem e também do renascimento do novo ser em Cristo – da semente humana, para a semente espiritual: – “De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida” e “Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos” (BÍBLIA, Rm 6:4 e Cl 2:12).

Sendo este um símbolo de sepultamento de pecados, na Assembleia de Deus não se aceita que crianças sejam batizadas. Segundo as doutrinas da Igreja, estas são isentas de pecado, estando aptas para o batismo, geralmente, a partir dos 12 anos de idade, conforme o julgamento pastoral.

Os candidatos ao batismo são submetidos a uma reunião com o pastor da Igreja, onde lhes é esclarecido as regras a serem seguidas depois de batizados e as possíveis punições cabíveis, no caso de desvio do que diz a doutrina Assembleiana, a exemplo da “disciplina”, que na Assembleia designa o afastamento do membro da igreja por tempo determinado pelo pastor. No entanto, essas questões referentes à quebra de regras podem variar de uma igreja

38 É pertinente ressaltar, que segundo a fé protestante, a entrada nesta cidade prometida só se dará após a segunda vinda de Cristo, deste modo, o fiel que morre antes deste evento, aguarda em um lugar tranquilo esperando o cumprimento desta promessa.

para outra, pois são estabelecidas pelo Ministério³⁹ de cada Igreja, porém, em Viseu, o costume de disciplinar com afastamento ainda é recorrente.

Tendo concordado com os termos expostos na reunião que precede o batismo, os candidatos seguem para a cerimônia que se dá, na maioria das vezes, em um rio, seguindo o exemplo de João Batista, que batizou a Jesus no Rio Jordão (BÍBLIA, Mt 3: 13-17):

A margem do rio, córrego, lagoa, ou tanque conforme for às condições, o oficiante do Batismo determinará que os candidatos se vistam de vestes apropriadas para o batismo (geralmente é usada capa branca), e se pronunciará dando ciência aos presentes do ato, lendo a Palavra de Deus em leitura própria para o ato, seguido de oração. Em ato contínuo se cantará hinos próprios para o Batismo, como sugestão oferecemos os hino 129 e 447 da harpa cristã e enquanto se canta os hinos o oficiante entrará as águas e em seguida convidará os candidatos a adentrarem também as águas (MARTINS, 2011, s/p).

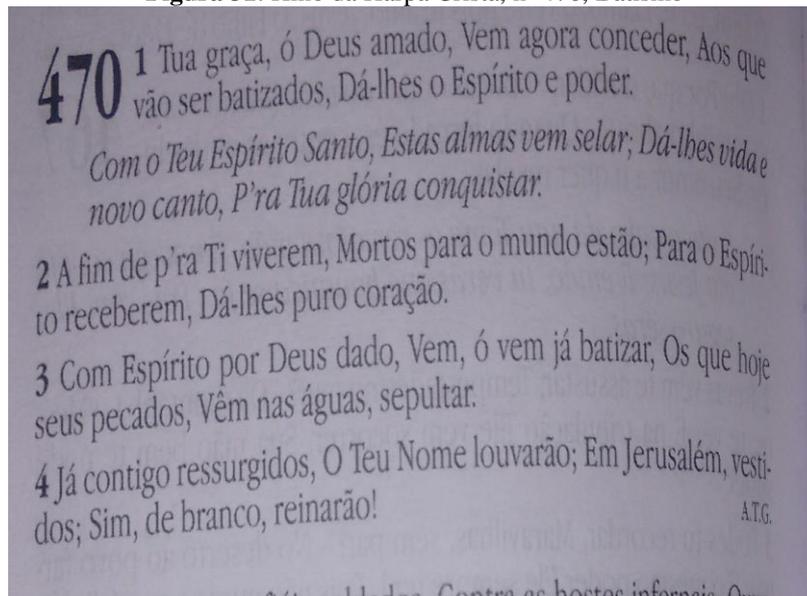
Figura 30: Batismo nas águas realizado pela Assembleia em Viseu



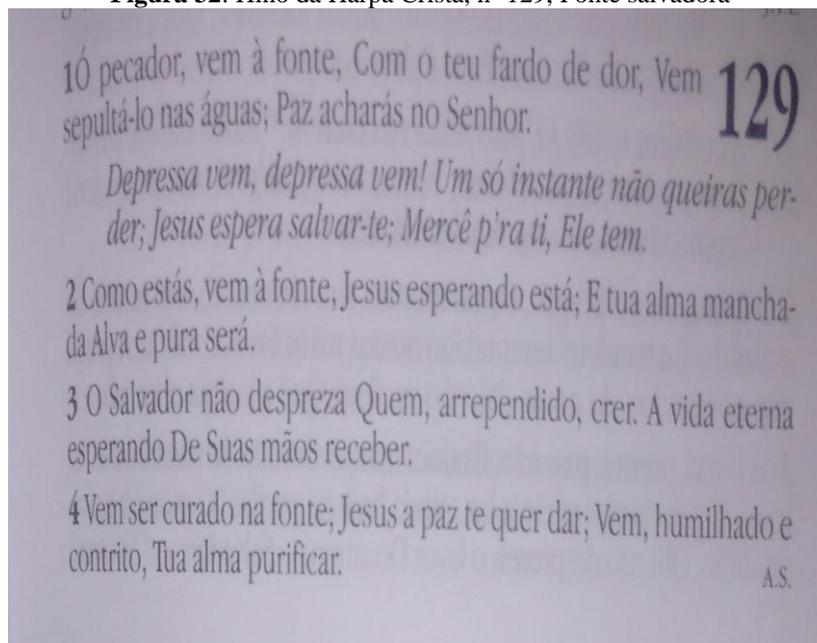
Fonte: Acervo pessoal do autor.

O índice de assuntos da Harpa Cristã indica os hinos 389 e 470 para este tipo de cerimônia. Os hinos sugeridos acima pelo pastor Lindomar Martins, o 129 e o 447, são cantados com a mesma frequência nas cerimônias batismais em Viseu. Em suma, são os quatro hinos que tradicionalmente são cantados durante os batismos. Os textos destes hinos têm a mesma temática, falam literalmente sobre a cerimônia. Grosso modo são hinos que discorrem sobre sepultamento de pecados nas águas, purificação e aptidão para entrar no céu.

³⁹ Liderança da Igreja formada pelo pastor presidente, pastor auxiliar, caso haja um, presbíteros, diáconos e auxiliares.

Figura 31: Hino da Harpa Cristã, nº 470, Batismo

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 32: Hino da Harpa Cristã, nº 129, Fonte salvadora

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Em geral os hinos são cantados enquanto os candidatos descem às águas. Dependendo do número de irmãos que serão batizados, além dos quatros hinos já mencionados, outros hinos podem ser cantados, principalmente os que mencionam o Rio Jordão, a exemplo do hino 509.

3.4.3 A Cerimônia da Santa Ceia

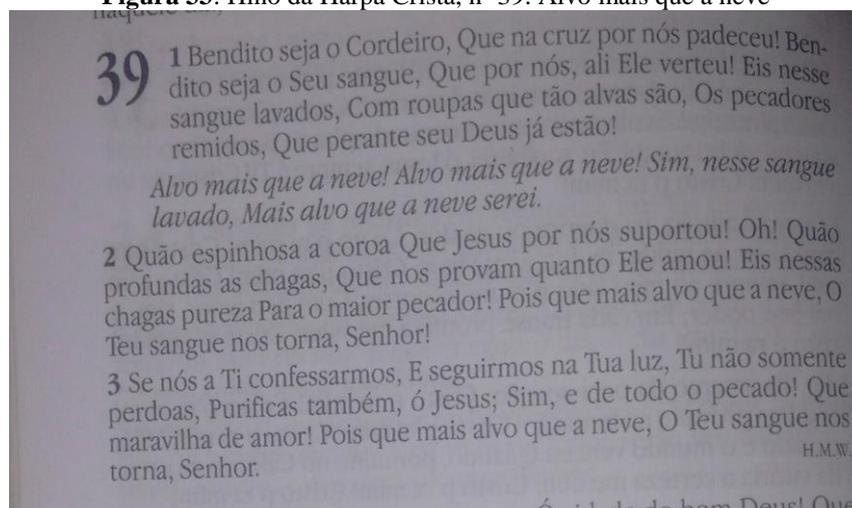
Esta cerimônia é apenas para os membros da igreja, os que já são batizados, isto não quer dizer que os demais não possam assistir à cerimônia, só não podem participar.

Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim (BÍBLIA, 1CO 11: 23-25).

É pertinente salientar que quando alguém decide se converter à Assembleia de Deus, o primeiro passo é aceitar a Jesus. Este ato se dá no momento em que a pessoa vai diante do altar atendendo o chamado do pastor ou pregador e reconhece Cristo como único e suficiente Salvador, isto por que a pessoa nesse momento renuncia às outras divindades a exemplo dos santos da Igreja Católica ou aos orixás do Candomblé. Em seguida, a pessoa recebe uma oração e passa a fazer parte da Igreja, mas ainda não é membro oficial e não pode participar da Santa Ceia, para tal, a pessoa tem que ser batizada, só assim estará apta a participar desta cerimônia e compartilhar do Corpo de Cristo.

A cerimônia propriamente dita é um momento do culto. Este começa normalmente como os demais cultos de domingo, a diferença é que os hinos da Harpa Cristã e os hinos entoados pelos corais, na maioria das vezes lembram o sacrifício de Cristo, a última ceia, ou ovacionam o sangue de Jesus como expiador de pecados:

Figura 33: Hino da Harpa Cristã, nº 39. Alvo mais que a neve



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Os hinos da Harpa são cantados no início do culto e também durante a cerimônia que se dá após a pregação:

A leitura apropriada, a mais usada é 1Co 11. 23-26, seguido de oração, explanação da palavra de Deus, levando os crentes a procederem a introspectivas, isto é, fazer o auto-exame de consciência, estendendo a todos a oportunidade de se alguém tiver alguma coisa que perturbe a mente e o coração sejam libertos por uma oração em que todos oram pedindo perdão pelos pecados (MARTINS, 2011, s/p).

Em seguida o pastor convoca o ministério para orar pelo pão, pelo vinho, mas isso pode variar de acordo com o pastor que estiver pastoreando a igreja de Viseu. A oração pode ser feita pelo pão e pelo vinho de uma só vez.

Figura 34: Cerimônia da Santa Ceia na Assembleia de Deus de Viseu



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A distribuição do pão e do vinho também pode sofrer variações dependendo do pastor. Na maioria das vezes, primeiramente é distribuído o pão e depois que toda Igreja foi servida o vinho começa a ser distribuído. Dependendo do pastor, a entrega do pão e do vinho pode acontecer concomitantemente.

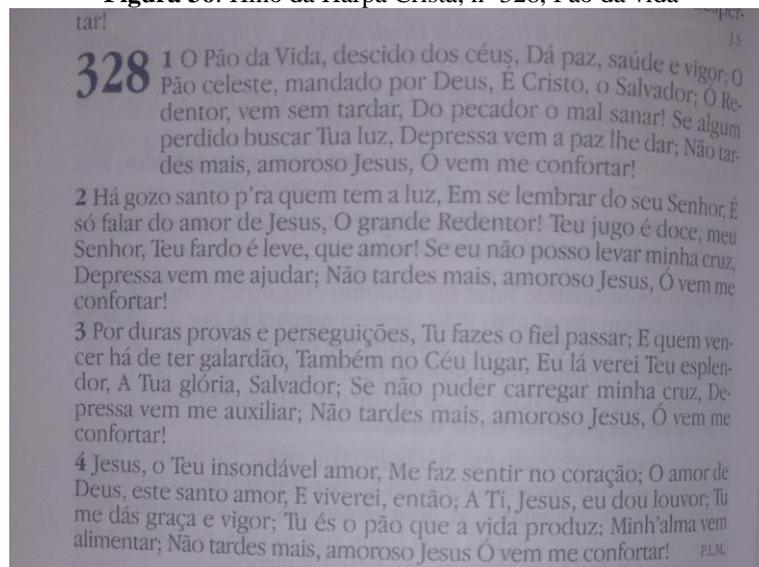
Figura 35: Consagração do pão e do vinho na Assembleia de Deus de Viseu



Fonte: Rodrigo Britto

Durante a entrega do pão e do vinho, hinos da Harpa Cristã vão sendo cantados por toda a igreja. No momento da entrega do pão há preferência por hinos que mencionam o pão como símbolo do Corpo de Cristo:

Figura 36: Hino da Harpa Cristã, nº 328, Pão da vida

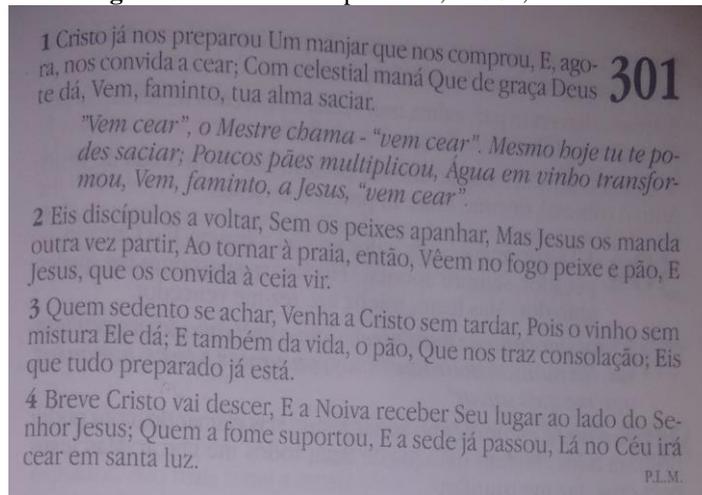


Fonte: Acervo pessoal do autor.

Outro exemplo de hino com o mesmo tema é o hino de número 22, “Ceia do Senhor”. No momento da entrega do vinho se prefere os que falam de sangue, de sacrifício. O hino de número 39 é comumente executado nesta ocasião (ver figura 33).

O hino 301 é o mais tradicional e pode ser cantado tanto no momento da entrega do pão quanto no da entrega do vinho, ou mesmo no começo do culto. O texto deste hino convida a todos a participarem da Santa Ceia.

Figura 37: Hino da Harpa Cristã, nº 301, Vem cear



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Os hinos 29, 53 e o 291 também são muito usados na cerimônia da Santa Ceia.

3.4.4 Outros Ritos

No índice dos assuntos da Harpa Cristã, na parte intitulada de “A Igrejas e suas reuniões”, são também indicados os hinos que devem fazer parte da cerimônia matrimonial, que são os hinos de número 195 e 150. No entanto, nesta pesquisa, nenhum hino da Harpa Cristã foi identificado nessa cerimônia. Para as orações da Igreja o índice sugere vários hinos, no entanto a escolha dos hinos desta cerimônia é escolhida aleatoriamente pelos fieis presentes.

3.5 Todos juntos adoremos

A definição de adoração na Bíblia está relacionada ao verbo “prostrar”: "Oh, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor, que nos criou" (BÍBLIA, Sl 95:6).

Cada um dos três verbos principais implica em abaixar-se diante de Deus, sendo que a palavra padrão para adorar nas Escrituras significa prostrar-se. No Velho Testamento, na esmagadora maioria das vezes, adorar é a tradução do verbo hebraico "sahah". No Novo Testamento é a tradução do verbo grego "proskyneo". Em ambos, o sentido é de prostrar-se, encurvar-se, inclinar-se, e sempre com o rosto em terra (MACRI, 2010).

Adorar a Deus então é se manter prostrado diante de Deus em sinal de reverência. Talvez não literalmente de joelhos, mas com o coração quebrantado, contrito, prostrado diante do Senhor, reconhecendo sua grandeza. E a música, o louvor, vem coroar esse momento, o adorador dedica a música a Deus, em sua homenagem, ao mesmo tempo em que o invoca, uma espécie de chamado.

Todas as manhãs, por volta das seis horas, se ouve um som, uma música suave do quarto da minha mãe, Fátima Quadros:

Então minh'alma canta a Ti, Senhor
Grandioso és Tu! Grandioso és Tu!
Então minh'alma canta a Ti, Senhor
Grandioso és Tu! Grandioso és Tu!

(Harpa Cristã-CPAD)

Parece ser o mesmo som que se ouvia do quarto da minha avó materna, Elisa. É uma maneira de invocar a Deus, de aclamá-lo no início do dia através da música, dos hinos da Harpa Cristã. É um tributo, uma homenagem e é também um pedido, um chamamento pela presença de Deus. *A música na forma de adoração nos torna livres, aptos para conversar com nosso Deus [...] É uma maneira de se chegar a Deus, é uma preparação, é como se fosse assim um chamado nosso para que Deus venha estar ali com a gente.* (Entrevista realizada com a irmã Fátima Quadros em 11.03.2019).

Figura 38: Fátima Quadros com a Harpa Cristã - Momento de adoração em Viseu-PA



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Adorar a Deus é a primeira coisa que minha mãe faz, bem como fazia minha avó, bem como faz minha irmã, Diva Quadros: *Adorar é bem-dizer o nome do Senhor, é saber que só ele é único e que ele rege as nossas vidas [...] É algo inexplicável, uma conexão que a gente tem que sentir mesmo, a gente e Deus. Desse jeito (só com palavras) a gente com certeza não vai poder explicar, tem que sentir.* (Entrevista realizada com a irmã Diva Quadros em 14.03.2019).

“Tem que sentir”, disse minha irmã. Como pode alguém do lado de fora, mero observador poder descrever o que é adoração com tanta presteza quanto alguém de dentro, quanto um vivenciador, um praticante? Não basta só observar e descrever, tem que sentir.

O pesquisador Luis Ricardo Silva Queiroz, após profunda imersão no universo musical dos Ternos de Catopés de Montes Claros, relata: “somente depois de vivenciar, por muitas vezes, dias como esse, pude sentir e perceber o que significa aquela música e a sensação gerada por ela”(QUEIROZ, 2005, 106). A música, segundo Blacking (1976), é uma

expressão de aspectos vivenciados pelos indivíduos como parte de um grupo. Quem melhor do que um nativo para descrever os aspectos da sociedade da qual faz ou fez parte? E não apenas como um entrevistado, mas como um pesquisador.

Na condição de ex-praticante desta fé e, atualmente, pesquisador da mesma, me sinto capaz de descrever o ato de adorar como um “cantar orando”, como um cantar homenageando, tributando, se desligando dos demais pensamentos para se concentrar somente em Deus, em toda sua grandeza. É expressar com a letra da canção tudo o que Ele é e o que Ele merece. É tudo isso e ao mesmo tempo se sentir amado por Deus, próximo dele, sentir seu Espírito, sua presença e se satisfazer com essa presença, se alegrar. Adorar é se doar, mas é também receber, receber a recompensa de se sentir, de estar mais próximo de Deus.

A música, então, para os assembleianos, é uma maneira de se chegar a Deus, não qualquer música e não de qualquer maneira, “*se for diretamente a Deus, com certeza, você se chega a Deus*” (Entrevista realizada com a irmã Élina Gonçalves em 14.03.2019). Se no momento do cantar seus pensamentos estiverem voltados para Deus, se seu coração estiver limpo, arrependido, contrito, quebrantado, a música pode ser um veículo, uma ponte para se chegar a Deus, segundo esta fé.

Compreender o que é adoração para os assembleianos de Viseu é compreender o efeito que a prática musical tem sobre os fiéis que no momento do canto coletivo, tanto são *performances* quanto ouvintes, numa perspectiva de Antony Seeger (2011).

Diferentemente de quando estão a sós em seus quartos, na igreja eles não estão apenas cantando, sendo os *performances*, mas também ouvindo aquelas melodias, as mensagens carregadas por elas, isso cria uma atmosfera diferente, imensurável, “você tem que sentir”:

É como as chamas de um fogo que vai se colocando mais lenha, cresce mais as chamas, assim é o louvor, a adoração ao nosso Deus. Se toda a igreja está cantando unida, cresce mais o louvor, ou seja, chega mais rápido. A gente se sente realmente louvando e que Deus está recebendo porque todos estão juntos num só propósito. (Entrevista realizada com a irmã Fátima Quadros em 11.03.2019).

Há uma sensação, uma energia naquele momento que os contagia, que os alegra, que os emociona no momento do canto congregacional. Em entrevista realizada em 27.05.2019, o maestro da orquestra de Viseu, Misael de Oliveira, diz que o canto congregacional é um momento de comunhão da igreja, um louvor a Deus coletivo, assim as sensações que se sente ao adorar a Deus se somam ao sentimento de felicidade por estar louvando junto com os irmãos. Para ele esse momento é uma clara definição do que é ser igreja, congregação.

Figura 39: Momento de adoração na Assembleia de Deus em Viseu-PA



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Adorar, comungar, congregar são aspectos que estão entronizados nesse fazer musical e podem ajudar na melhor compreensão da música do canto congregacional na Assembleia de Deus, em Viseu. Para Sonia Chada (2007) esses aspectos, não apenas do som, do contexto, mas dos seres humanos que produzem o som, da sociedade onde a prática está inserida é o que definem o significado da música, da prática musical.

Figura 40: Fiel adorando - Assembleia de Deus em Viseu-PA



Fonte: Acervo pessoal do autor.

TÉ A LUZ DA MANHÃ RAIAR

Nossa esperança é Sua vinda
 O Rei dos reis vem nos buscar;
 Nós aguardamos, Jesus, ainda,
 Té a luz da manhã raiar.
 Nossa esperança é Sua vinda
 O Rei dos reis vem nos buscar;
 Nós aguardamos, Jesus, ainda,
 Té a luz da manhã raiar.

(Harpa Cristã-CPAD)

Carta a Deus:

Belém 24/05/2019

Olá, Deus.

Tenho novidades. Não sei se há novidades para quem é onisciente, mas tudo bem. Queria lhe contar que finalmente concluí minha dissertação. Foi difícil, viu? Mas valeu pela ajuda.

E tive muitos incidentes, roubo de computador, de HD, a estrada de Viseu ficou danificada por conta das fortes chuvas, dificuldade para conciliar a pesquisa com meu horário de trabalho. Aliás, Deus, tá ligado que essa coisa de trabalhar e estudar ao mesmo tempo não é legal, não é? Foi você que inventou isso?(risos)

Mas, voltando para minha pesquisa. No intuito de compreender todo o contexto no qual o canto congregacional está inserido me detive em pesquisar as origens do Cristianismo, do Protestantismo, do Pentecostalismo, da formação da igreja Assembleia de Deus no Pará, no Brasil, a formação da cultura assembleiana. Tudo isso me ajudou a compreender melhor as suas rígidas tradições e doutrinas ainda mantidas, principalmente no interior do estado do Pará, como é o caso de Viseu, a origem da crença na manifestação do Espírito Santo através do falar de línguas estranhas que é muito forte nos cultos dessa igreja.

A Assembleia de Deus em Viseu é uma igreja que vem ao longo do tempo, apesar das inegáveis influências dos tempos modernos, tentando manter seus costumes e tradições tal como era no tempo dos pioneiros Daniel Berg e Gunnar Vingren, com destaque para a manutenção da tradição do canto congregacional.

Num segundo momento me debrucei na cidade de Viseu, na história da Assembleia de Deus naquele local, na liturgia dos cultos, na musicalidade da igreja e suas tradições. E sabe, Deus? Percebi que a falta de desenvolvimento da cidade de Viseu, o difícil acesso à cidade em virtude da estrada precária, fazem com que as "inovações" cheguem muito mais tarde até a cidade, criando um ambiente propício para conservações dessas tradições, muitas delas extintas na cidade de Belém, por exemplo. Considerando que a internet, de maneira mais acessível, chegou à cidade há pouco tempo e ainda é privilégio de poucos.

No entanto, Deus, não pude deixar de perceber que já houve sim algumas mudanças do tempo que eu frequentava aquela igreja para os dias atuais, mas não quero ser aqui aquele que ama o passado e que não vê que o novo sempre vem (risos).

E por falar em novo, terminei recentemente o terceiro capítulo da minha dissertação, foi um grande dilema aquela questão que te falei sobre ser uma etnografia com um olhar de dentro, não de um mero observador, mas de alguém íntimo daquela prática, de alguém que já sentiu os efeitos que a música causa nesse contexto. Acho que a leitura do texto de Luis Ricardo Silva Queiroz sobre os ternos de catopés de Montes Claros me ajudou a assumir esse lugar não só de pesquisador, mas também de vivenciador, daquele que não apenas observa, mas sente e percebe nuances que dificilmente seriam percebidas por um mero observador.

O engraçado, Deus, é que esse texto do Queiroz me foi dado como uma tarefa pela minha orientadora, precisava trabalhá-lo em meu estágio obrigatório, mas acabou se tornando um presente. Já te agradeço por essa orientadora que você me deu? Valeu, Deus, ela é maravilhosa!

Mas vamos lá! Foco no terceiro capítulo. Me senti mais à vontade para falar sobre o canto congregacional usando, além de embasamento teórico, meus próprios conhecimentos sobre o assunto baseado na minha experiência com esta prática musical.

Sobre as entrevistas, além de outros membros da igreja, me senti à vontade para entrevistar também membros da minha própria família sobre as sensações que se sente na hora do canto congregacional, no momento de adoração da igreja.

O que percebi em algumas falas é que a sensação de adorar não se pode mensurar, é preciso sentir para compreender.

Outro ponto é que, unanimemente, os entrevistados apontaram que a música como adoração serve como ponte para se chegar mais próximo de você, Deus. E não quero aqui, com essa afirmação, refutar vertentes da teologia ligadas a outras denominações que discordam sobre qualquer tipo de "sobrenaturalidade" atribuída a música, o que quero é descrever o significado, o

sentido, o efeito que essa prática musical causa nos assembleianos viseuenses. E o principal efeito é sentir a sua presença, Deus.

E sobre essa função da música, de aproximar os fiéis de você, não consegui associa-la a nem uma função descrita por Merriam (1964). Talvez esteja mais próxima da função de expressão emotiva, mas não acho que se encaixe totalmente. Muito embora, Deus, se perceba nestas músicas funções como a da comunicação, função de continuidade e estabilidade cultural, uma vez que os hinos compõem os ritos e são repassados de geração em geração, função de representar simbolicamente, e a função de validar a instituição social. Mas é certo que a real função, os significados, só serão compreendidos, na sua totalidade, por um membro da igreja. Segundo Blacking (1976) a música é um reflexo dos aspectos da cultura em que está inserida, sendo assim só tem sentido, grosso modo, para quem a vivencia.

É isso, Deus, quero te agradecer por tudo, pela oportunidade de fazer esse mestrado, essa pesquisa, pelo conhecimento adquirido, mais uma vez te agradecer pela minha orientadora Sonia Chada, pelos professores, pelos colegas de curso. Foi tudo muito rico! Só não gostei daquela coisa que te falei sobre ter que trabalhar e estudar, isso não é de Deus, não (risos). Brincadeira, Deus! Mas falando sério é justamente por isso que vou dar tempo na minha pesquisa, vou deixar meu probatório passar para eu poder tirar licença pra fazer o doutorado.

É Deus, eu acabo aqui a minha dissertação, mas a pesquisa vai continuar em outro momento, tenho essa esperança. Até lá estarei por aqui; qualquer coisa é só chamar (risos).

Até, Deus, té a luz da manhã raiar!

Diego Quadros.

REFERÊNCIAS

- ASSEMBLEIA DE DEUS. **Nasce a Assembleia de Deus.** Disponível em: <http://www.adbelem.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=584: nasce-a-Assembleia-de-deus&catid=128: momentos-da-historia>. Acesso em: 19 fev. 2016.
- ATAÍDES, Florêncio Moreira de. **A reforma protestante do século XVI.** Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil. Disponível em: <http://www.iprb.org.br/artigos/textos/art51_100/art79.htm>. Acesso em: 12 fev. 2016.
- BERNINI JUNIOR, Rogério. **A importância do canto congregacional.** Primeira Igreja Presbiteriana de Porto Velho. Disponível em: <<http://www.ipportovelho.com.br/artigo/a-importancia-do-canto-congregacional>>. Acesso em: 04/03/2016.
- BERWALD, Mauricio. **História da música sacra.** Disponível em: <<http://historiadamusicasacra.blogspot.com.br/2014/09/historia-da-musica-sacra-n2.html>>. Acesso em 07/03/2016.
- BIBLE, Ken, **Uma Visão do Canto Congregacional.** Disponível em: <http://musicaeadoracao.com.br/60639/uma-visao-do-canto-congregacional/>. Acesso em: 01/03/2016.
- BÍBLIA. Bíblia Sagrada; Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª Edição ver. e atualizada no Brasil: SBB, 1993.
- BLACKING, John. **How musical is man?** London: University of Washington Press, 1973.
- BLACKING, John. Music, culture, and experience. In: Music, culture & experience. Chicago and London: University of Chicago Press, 1995.
- BLAINEY, Geoffrey. **Uma história do cristianismo,** Curitiba - PR: Ed. Fundamental, 2012.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. In: **Revista USP**, São Paulo, 2005.
- CARVALHO, Darleyson. CARVALHO, Dorinês. A relevância da música congregacional na formação da identidade das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus no Brasil. In: **Teologia e Espiritualidade.** Faculdade Cristã de Curitiba. Paraná, 2015.
- CAVALLERA, Renato. **Gunnar Vingren e Daniel Berg:** A história dos fundadores da Assembleia de Deus no Brasil. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/gunnar-vingren-daniel-berg-historia-fundadores-Assembleia-deus-22963.html>>. Acesso em: 20/02/2016.
- CHADA, Sonia. A prática musical no culto ao caboclo nos candomblés baianos. In III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 2007, Salvador. **Anais.** Salvador: EDUFBA, 2007, 137-144.
- CHADA, Sonia. Caminhos e fronteiras da Etnomusicologia In: **Cadernos do grupo de pesquisa Música e identidade na Amazônia - GPMIA.** Volume II. Belém, 2011.
- CONDE, Emilio. **História das Assembleias de Deus no Brasil.** CPAD, Rio de Janeiro, 1960.
- COSTA, Jefferson Magno. **Daniel Berg e Gunnar Vingren:** os missionários suecos que fundaram a Assembleia de Deus no Brasil. Disponível em: <<http://jeffersonmagnocosta.blogspot.com.br/2010/05/daniel-berg-e-gunnar-vingren.html>>. Acesso em: 21/02/2016.

- CPAD. **Assembleia de Deus: Nossa história.** Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/Assembleia/historia/>>. Acesso em: 23/02/2016.
- DAMASCENO, Valder. **Usos e costumes da Assembleia de Deus.** Disponível em: <<http://dicas.gospelmais.com.br/usos-e-costumes-da-Assembleia-de-deus.html>> Acesso em: 29/02/2016.
- DE PAULA, Wesley Américo Bergamin Granado. **“Assembléia de Deus avante vai !?”: transformações e tensões na construção da identidade da igreja evangélica Assembléia de Deus no Brasil (1911-1980).** Centro de Letras e Ciências Humanas. Londrina 2013.
- DIAS, Agemir de Carvalho. O ecumenismo: uma ótica protestante. In: **I Simpósio Internacional de Religião, Religiosidades e Cultura.** Mato Grosso do Sul, 2003.
- DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo. Um estudo sobre a formação da hinódia protestante brasileira. In: **Âncora Revista de Estudo em Religião.** Faculdade de Teologia IV Centenário. São Paulo, 2002.
- EWALD, Werner. **Reforma e música.** Portal Luteranos. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/reforma-e-musica>>. Acesso em: 04/03/2016.
- FAJARDO, Maxwell Pinheiro. O campo Religioso em Belém do Pará. In: **MNEME-Revista de Humanidades.** Rio Grande do Norte, 2011.
- FAJARDO, Maxwell. **Os pentecostais no Censo 2010: Assembleia de Deus chega aos 12 milhões. Igreja Universal e Congregação Cristã diminuem.** 2012. Disponível em: <<http://refletindofe.blogspot.com.br/2012/06/os-pentecostais-no-censo-2010.html>>. Acesso em: 19 jan. 2016.
- FREDERICO, Edson. **Música Breve História.** São Paulo: Ed. Irmãos Vitale, 1999.
- GONÇALVES, Carlos Barros. **Até aos confins da Terra: O movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas.** Mato Grosso do Sul. Ed. UFGD, 2011.
- GONZÁLES, Justo L. **Uma história do pensamento cristão: Dos primórdios ao concílio de Calcedônia.** Volume I – Edição Revisada. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2004.
- MACRI, Silvio. **Uma definição completa de adoração.** Prazer da Palavra. Disponível em: <<http://prazerdapalavra.com.br/colunistas/sylvio-macri/5843-salmo-95-uma-definicao-completa-de-adoracao-sylvio-macri>>. Acesso em: 21/02/2016.
- MANUAL DA HARPA CRISTÃ. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1999.
- MARTINOFF, Eliane Hilario da Silva. A música evangélica na atualidade: algumas reflexões sobre a relação entre religião, mídia e sociedade. In: **Revista ABEM,** Porto Alegre, 2010.
- MARTINS, Lindomar. **Manual de liturgia das Assembleia de Deus.** Disponível em: <<http://pastorlindomarmartins.blogspot.com.br/2011/08/manual-de-liturgia-Assembleiana.html>> Acesso em 24/03/2016.
- MENDONÇA, Antonio G. **O celeste porvir: Inserção do protestantismo no Brasil.** São Paulo, Aste, 1995.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O Protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. In: **Revista USP,** São Paulo, 2005.
- MENSAGEIRO DA PAZ. **Modus vivendi do cristão resolução de santo André.** Rio de Janeiro: CPAD. 1989.

MERRIAM, Allan P. *The anthropology of music*. Illinois: Northwestern University Press, 1964.

MESQUITA, Antônio. **O batismo nas águas como ordenança do Senhor e sua doutrina**. Fronteira Final. Disponível em: < <https://fronteirafinal.wordpress.com/2012/07/16/texto-bablico/> > Acesso em 24/03/2016.

MILHORANZA, Alexandre. **O protestantismo americano**. Teologia Com Qualidade e Vida. Disponível em: <<http://www.milhoranza.com/2011/05/31/o-protestantismo-americano/#axzz40NqGH0Zg>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

NIEBUHR, H. Richard. *As Origens Sociais das Denominações Cristãs*. In: **ASTE/Ciências da Religião**. São Paulo, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *Oeuvres Philosophiques Complètes, I, 2, Écrits Posthumes: 1870-1873*. Paris: Ed. Gallimard, 1975.

PRIOLLI, Maria Luisa de Mattos. **Princípios Básicos da Música para juventude**. Rio de Janeiro: Editora Casa Oliveira de Música. 1985.

QUADROS, Diego Oliveira. Entrevista de Diva Quadros. 14/03/2019. Viseu PA. Gravação de áudio. Residência da entrevistada.

QUADROS, Diego Oliveira. Entrevista de Élina Gonçalves. 14/03/2019. Viseu PA. Gravação de áudio. Residência da entrevistada.

QUADROS, Diego Oliveira. Entrevista de Fátima Quadros. 11/03/2019. Viseu PA. Gravação de áudio. Residência da entrevistada.

QUADROS, Diego Oliveira. Entrevista de José de Andrade Lima. 29/10/2018. Viseu PA. Gravação de vídeo. Residência do entrevistado.

QUADROS, Diego Oliveira. Entrevista de Misael de Oliveira. 27/05/2019. Viseu PA. Gravação de áudio através de rede social.

QUADROS, Diego Oliveira. Entrevista de Samuel Alcântara. 11/11/2015. Traquateua PA. Gravação de áudio. Casa pastoral.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. Relato de pesquisa em etnomusicologia: implicações metodológicas de um trabalho de campo realizado no universo musical dos Ternos de Catopes de Montes Claros. In: **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 16, n. 26, 2005.

RHAU, Jorge. **Symphoniae Iucundae**. Philadelphia: Editora Americana. 1538.

SCHALK, Carl F. **Luther on music: paradigms of praise**. Concordia: Publishing House, 1988.

SEEGER, Anthony. *Etnografia da Música*. In: **Cadernos de Campo**. São Paulo 2011.

SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues. **Cantai e multiplicai-vos: Estudo da Harpa Cristã como instrumento de expansão da missão no pentecostalismo no Brasil**. São Bernardo do Campo, 2011. 145f. Pós-graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2011.

VERONESE, Michelle. *A história secreta do cristianismo*. in: **Super Interessante**. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/a-historia-secreta-do-cristianismo>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

VINGREN, Ivar. **O diário do pioneiro**: Gunnar Vingren. 13 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

WHTI. Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol 9. in the larger free Online Books collection on the Ellen G. White Estate Web site. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egwenglish/books/Testimonies%20for%20the%20Church,%20vol.%209.pdf>> Acesso em: 09. mar. 2016.